

**UFSM**

**Dissertação de Mestrado**

**INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES ENTRE  
OS RECLUSOS DO CENTRO DE ATENDIMENTO  
SÓCIO-EDUCATIVO NO MUNICÍPIO  
DE SANTO ÂNGELO – RS**

---

**Maria de Lourdes Lunkes de Souza**

**PPGE**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**UFSM**

**Dissertação de Mestrado**

**INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES ENTRE  
OS RECLUSOS DO CENTRO DE ATENDIMENTO  
SÓCIO-EDUCATIVO NO MUNICÍPIO  
DE SANTO ÂNGELO – RS**

---

**Maria de Lourdes Lunkes de Souza**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES ENTRE  
OS RECLUSOS DO CENTRO DE ATENDIMENTO  
SÓCIO-EDUCATIVO NO MUNICÍPIO  
DE SANTO ÂNGELO – RS**

---

**por**

**Maria de Lourdes Lunkes de Souza**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

**PPGE**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES ENTRE OS  
RECLUSOS DO CENTRO DE ATENDIMENTO SÓCIO-  
EDUCATIVO NO MUNICÍPIO DE SANTO ÂNGELO-RS**

elaborada por  
**Maria de Lourdes Lunkes de Souza**

como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Educação.**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Soraia Napoleão Freitas**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Beatriz Vargas Dorneles**

---

**Claus Dieter Stobäus**

Santa Maria, abril de 2005.

---

© 2005

Todos os direitos autorais reservados a Maria de Lourdes Lunkes de Souza. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito da autora.

Endereço: Rua 15 de Novembro, nº 949, Santo Ângelo, RS, CEP: 98801-620.

Fone (0XX) 55 33125701; End. Eletr.: [mariluso2003@yahoo.com.br](mailto:mariluso2003@yahoo.com.br).

---

## **AGRADECIMENTOS**

*Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que a todos protege,  
tendo a certeza do toque de sua mão, em meu destino,  
através da perseverança e firmeza com que busquei meus objetivos...*

*A minha madrinha, Nara Joyce Wellausen Vieira,  
que, desde 2002, acompanha-me na caminhada em busca de  
conhecimento sobre os Portadores de Altas Habilidades...*

*A minha orientadora, Soraia Napoleão Freitas,  
que mais parece uma colega, pela confiança e companheirismo.  
Espero ter feito a pesquisa de modo a lhe orgulhar,  
pois, em nenhum instante, perdi de vista a importância  
que ela representa neste processo...*

*Ao Professor Claus Dieter Stobäus,  
pelas suas contribuições tão pertinentes e esclarecedoras...*

*À Professora Beatriz Dorneles, que se mostrou tão solícita e  
acolhedora, e, ao mesmo tempo, crítica e observadora...*

*A minha família, destacando minha Mãe, que sempre acreditaram em  
mim e que, nas horas de sufoco e de desânimo, me diziam:  
"Nós nos orgulhamos muito de você"...*

*Aos meus sogros, pelas horas, dias e semanas,  
que cuidaram de meus filhos, para que eu pudesse me ausentar  
com tranqüilidade e certeza de estarem bem cuidados...*

*Ao meu esposo que, em mim, vive o orgulho de ser um Mestre,  
e que nunca me deixou esmorecer nas dificuldades...*

*Mas, principalmente as minhas obras primas, Bernardo e Izabela,  
razão de toda luta, empreendida neste projeto, e que, na infinita  
sabedoria infantil, perguntavam a cada retorno meu:  
"A minha Mãe já é Mestre?"*

*Obrigada... de coração... a todos que... de uma forma ou outra...  
participaram desta minha caminhada...*

## **SOLIDÃO**

*Minha janela traz o brilho do sol,  
Como pode ele brilhar na solidão?  
As estrelas, em conjunto,  
Fazem da minha janela,  
Entrada para o meu coração.*

*Dia, noite  
Brilho, vida,  
Pensamentos, solidão.*

*E minha janela,  
Companheira fiel,  
Faz da minha solidão  
Poesia e emoção.*

**P.R.G.**  
(Segunda Coletânea de Poesias, p.19)

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 – Questionário aplicado aos professores.....	119
ANEXO 02 – Instrumento de avaliação, aplicado aos professores, para coleta de dados, referentes às características de aprendizagem dos seus alunos .....	123
ANEXO 03 - Ficha de sondagem, aplicada aos alunos, para coleta de dados, referentes ao estilo de aprendizagem individual .	128
ANEXO 04 – Ficha de itens, para observação em sala de aula, aplicada aos professores, para coleta de dados sobre as habilidades de seus alunos .....	133
ANEXO 05 – Entrevista semi-estruturada aplicada aos alunos.....	137



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Caracterização dos sujeitos selecionados .....	81
QUADRO 2 - Número de indicações dos professores .....	89
QUADRO 3 - Percentual de estilos de aprendizagem.....	92
QUADRO 4 - Características das habilidades dos alunos.....	94

## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES ENTRE OS RECLUSOS DO CENTRO DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO NO MUNICÍPIO DE SANTO ÂNGELO – RS**

Autora: Maria de Lourdes Lunkes de Souza

Orientadora: Soraia Napoleão Freitas

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 09 de março de 2005

A presente dissertação objetiva investigar indicativos de altas habilidades entre os reclusos do Centro de Atendimento Sócio-Educativo do Município de Santo Ângelo. Após a introdução, uma justificativa pessoal esclarece a motivação em optar pelo referido tema, seguida pelo referencial teórico, que procura apresentar as peculiaridades do portador de altas habilidades, através de características, aspectos intelectuais, criatividade, talento, relações familiares, jeito de ser e dificuldades em identificá-lo, bem como a visão legal sobre tais sujeitos. A investigação baseia-se em metodologia quanti-qualitativa, na forma de um estudo de caso, utilizando-se, como instrumentos para coleta dos dados, questionário, fichas de avaliação das habilidades dos alunos, de indicadores de interesse dos alunos e de indicadores de alunos com habilidades, e entrevista semi-estruturada. A população, envolvida neste estudo, consta de doze professores, três integrantes da equipe diretiva e quarenta e nove alunos, na faixa etária entre dezesseis e dezessete anos. Após a caracterização dos alunos, envolvidos na pesquisa, apresentam-se os resultados e a discussão dos mesmos, detalhando a fase inicial, em que todos os segmentos foram ouvidos, e a etapa final, voltada a conhecer melhor os cinco alunos selecionados, com indicativos de altas habilidades, cujos perfis são detalhados no capítulo seguinte. Nas considerações finais, além das impressões gerais, colhidas no decorrer do trabalho, enumeram-se sugestões, no sentido de contribuir para minimizar essa situação.

**Palavras-chaves:** altas habilidades, menores infratores.

**ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

**INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES ENTRE OS  
RECLUSOS DO CENTRO DE ATENDIMENTO SÓCIO-  
EDUCATIVO NO MUNICÍPIO DE SANTO ÂNGELO – RS**  
(INDICATORS OF DISCHARGE ABILITIES AMONG THE RECLUSE OF  
THE CENTER OF PARTNER-EDUCATIONAL ATTENDANCE IN THE  
MUNICIPAL DISTRICT OF SANTO ÂNGELO – RS)

Autora: Maria de Lourdes Lunkes de Souza

Orientadora: Soraia Napoleão Freitas

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 09 de março de 2005

The present dissertation it aims at to investigate indicative of high abilities among the recluse of the Center of Partner-educational Attendance of the Municipal district of Santo Ângelo. After the introduction, a personal justification clears the motivation in choosing for the referred theme, followed for the theoretical referencial, that it tries to present the peculiarities of the bearer of discharges abilities, through characteristics, intellectual aspects, creativity, talent, family relationships, way of being and difficulties in identifying him, as well as the legal vision on such subjects. The investigation bases on quanti-qualitative methodology, in the form of a case study, being used, as instruments for collection of the data, questionnaire, record of evaluation of the students' abilities, records of indicators of the students' interest, records of students' indicators with abilities and glimpses semi-structured. The population, involved in this study, it consists of twelve teachers, three integra of the directing team and forty-nine students, in the age group between sixteen and seventeen years. After the students' characterization, involved in the research, they come the results and the discussion of the same ones, detailing the initial phase, in that all the segments were heard, and the final stage, known the five selected students better again, with indicative of discharges abilities, whose profiles are detailed in the following chapter. In the final considerations, besides the general impressions, picked in elapsing of the work, suggestions are enumerated, in the sense of contributing to minimize that situation.

**Key words:** high abilities, minor transgressor.

## SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS .....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
RESUMO .....	x
ABSTRACT .....	xi
INTRODUÇÃO .....	1
1 JUSTIFICATIVA.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	19
2.1 Conhecendo a Pessoa Portadora de Altas Habilidades.....	19
2.1.1 Características do portador de altas habilidades.....	33
2.1.2 Aspectos intelectuais do portador de altas habilidades .....	39
2.1.3 Criatividade: um diferencial entre os seres humanos .....	42
2.1.4 O desperdício de talentos no país .....	47
2.1.5 A relação entre o portador de altas habilidades e sua família .....	50
2.1.6 O jeito de ser do portador de altas habilidades.....	54
2.1.7 A difícil tarefa de identificar manifestações de altas habilidades .....	58
2.2 Uma Sociedade de Leis e Direitos .....	66
3 METODOLOGIA DA AÇÃO INVESTIGATIVA.....	74
3.1 Área de Abrangência.....	76
3.2 Participantes .....	77
3.3 Instrumentos para Coleta de Dados.....	77
3.4 Etapas desenvolvidas .....	78
4 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS .....	81
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	82

5.1 1ª Etapa: Seleção dos Sujeitos com Indicativos de Altas Habilidades.....	82
5.1.1 Questionário .....	83
5.1.2 Indicação pelos professores .....	88
5.1.3 Estilos de aprendizagem .....	91
5.1.4 Instrumento de avaliação .....	93
5.2 2ª Etapa: Entrevista com os Alunos Selecionados.....	99
6 APRESENTANDO OS ALUNOS COM INDICATIVOS DE ALTAS HABILIDADES .....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
BIBLIOGRAFIA.....	114
ANEXOS.....	118

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho contempla uma pesquisa, direcionada a uma parcela da população, ainda muito pouco estudada e escutada pela sociedade, mas que, cada vez mais, vêm aumentando o volume de sua voz, no sentido de solicitar urgentes e necessárias medidas que considerem seus interesses, para, de uma maneira mais efetiva, desenvolver suas potencialidades. Trata-se dos portadores de altas habilidades.

Esta pesquisadora utiliza a expressão *portador de altas habilidades*, para denominar aquele indivíduo que se destaca por sua habilidade, considerada acima da média, em determinada área de seu desenvolvimento. Entende-se que um sujeito com uma capacidade superior, um portador de altas habilidades ou uma pessoa talentosa, não corresponde à imagem de um ser perfeito e completo, que não necessite de auxílio para crescer e assim poder desenvolver suas habilidades da melhor maneira possível, sem desperdício de sua potencialidade. É alguém que apresenta uma maneira peculiar de pensar e interagir e que, se não entendido, compreendido, trabalhado e

incentivado, estas características podem vir a se perder, ou nunca ser reconhecido como portador de um potencial superior, em alguma área do saber ou fazer, ou seja, a sociedade pode deixar de ganhar com suas contribuições, tornando-o, por vezes, um delinqüente.

O interesse em pesquisar este tema surgiu, no ano de 2002, ao participar de um curso, na UFRGS, de capacitação em Educação Especial na área de altas habilidades, com duração de 360 horas/aula. Nesta ocasião, apresentaram-se alguns pesquisadores que, atualmente, estão desenvolvendo pesquisas nesta área. Entre eles, destacam-se: Nara Joyce Vieira, que, além de desenvolver sua pesquisa de Mestrado sobre o assunto, elabora sua Tese de Doutorado sobre o mesmo tema, na UFRGS; Suzana Pérez, membro da Associação Brasileira para Superdotados, que pesquisou este assunto em seu Curso de Mestrado, na PUC-RS; Eunice Soriano de Alencar, pesquisadora responsável pelo tema na Universidade Católica de Brasília; Zenita Cunha Guenther, pesquisadora de Lavras, MG; Soraia Napoleão Freitas, pesquisadora responsável por esta área, na UFSM; Cláudia Maria Ferreira Nicoloso, que estudou o tema no Curso de Mestrado na UFSM.

Através destes pesquisadores e estudiosos, percebe-se que a educação do indivíduo, portador de altas habilidades, por se tratar também da população alvo da Educação Especial, encontra-se em situação mais precária do que a dos portadores de deficiência. Isso devido ao fato do tema ser pouco estudado, de haver reduzido número

de trabalhos científicos nesta área, além de terem sido, culturalmente, mal interpretados e criados muitos mitos em torno deles.

Essa circunstância é considerada precária, porque a escola atual busca, através do silêncio, mostrar que é eficiente e que contempla a todos que a freqüentam. Usa do silêncio, da reprovação, da exclusão e da evasão, para justificar sua falta de preparo, frente à diversidade humana. Neste cenário excludente, está o portador de altas habilidades, que tem interesses, curiosidades e um modo bastante peculiar de ser e agir, perante os problemas e desafios que se apresentam. Frente a isto, está o professor, muitas vezes inseguro, despreparado, acomodado, com pouca tolerância às mudanças, e um sistema de ensino que estimula o docente a ficar neste papel que lhe é, na maioria das vezes, imposto.

Inserido neste contexto educacional, no qual se valoriza a padronização de saberes e competências, tendendo-se a eliminar qualquer comportamento desviante do dito normal, está o portador de altas habilidades. Uma capacidade superior, dentro de uma escola que massifica, cria problemas e, muitas vezes, o caminho para este indivíduo é a exclusão, não só do sistema de ensino, mas também do convívio social. Estes indivíduos que estão à margem da sociedade – os ditos desviantes, delinqüentes, infratores – são os sujeitos da presente pesquisa, mais especificamente, os menores infratores que se encontram reclusos no CASE – Centro de Atendimento Sócio-Educativo, do Município de Santo Ângelo – RS.



Esta pesquisa não objetiva identificar portadores de altas habilidades, mas indicativos de altas habilidades entre os menores reclusos no CASE, do Município de Santo Ângelo, para que estes indícios possam servir de recursos e auxiliar na reinclusão destes indivíduos na sociedade.

As questões de pesquisa a que o trabalho se propõe a responder, são:

- *Que indicativos de altas habilidades estão presentes entre os reclusos no CASE?*
- *Os professores que atuam na escola, dentro do CASE, conhecem ou ignoram o potencial dos menores infratores, reclusos na instituição?*
- *Como os professores do CASE trabalham os potenciais dos seus alunos?*

A história mostra que não são poucos os indivíduos que traçam o caminho da criminalidade, que se tornam líderes criminais, que usam de uma criatividade assustadora para atos criminosos, que elaboram estratégias mirabolantes de fugas e que, em fases anteriores, eram apenas vistos como criminosos. Hoje, porém, detecta-se, nessas pessoas, uma mente com capacidade superior, uma habilidade para liderança muito forte. Liderança negativa, mas liderança. Fica a questão: *como é que toda esta capacidade superior não foi aproveitada pela escola e foi desviada para o crime? O que se está fazendo de errado, na escola, que não se consegue perceber e*

*desenvolver capacidades superiores?* Quando for possível responder apenas a estas duas questões, dentre tantas, estar-se-á encontrando solução para muitos dos problemas, não só educacionais, mas, principalmente, sociais do País.

Culturalmente, com referência ao portador de altas habilidades, criaram-se e foram cultivados, mitos e conceitos sobre seu comportamento, desenvolvimento e jeito de ser, que, por não serem alvos de muitos estudos científicos, ficaram à mercê de situações empíricas, originando algumas idéias errôneas a cerca de tais seres.

Segundo Pérez (2003, p.47), “historicamente, os mitos [...] surgem para explicar situações ou pessoas reais que a lógica humana não consegue compreender e têm sua raiz no medo ao novo que todo o ser humano enfrenta”. Desta forma, as ações, como as políticas públicas, o discurso oficial, a escassez de publicações e a falta de serviços prestados que envolvam os portadores de altas habilidades, deixam transparecer o quanto estão impregnadas por estes mitos.

Mitos e crenças podem se classificar, segundo Pérez (2003, p.48), em sete categorias:

- a) Mitos sobre constituição;
- b) Mitos sobre distribuição;
- c) Mitos sobre identificação;
- d) Mitos sobre níveis ou graus de inteligência;
- e) Mitos sobre desempenho;
- f) Mitos sobre conseqüências;
- g) Mitos sobre atendimentos.

Destacar-se-á o mito sobre distribuição, por entender sua maior relevância neste estudo, mesmo sabendo que todos eles interferem, de alguma maneira, no resultado obtido. Este mito refere-se à incidência, maior ou exclusiva, de altas habilidades, em classes sociais mais favorecidas, ou então na “produção” de indivíduos portadores de altas habilidades. Simultaneamente, a Organização Mundial de Saúde estabelece que a incidência de altas habilidades refere-se a qualquer população, independentemente de raça, cultura ou proveniência socioeconômica.

Não é de estranhar a existência deste mito na escola, pois, na verdade, nas classes sociais mais favorecidas, há uma maior visibilidade de altas habilidades. Isso porque, nesta classe, há um maior investimento em desenvolver habilidades, assim como uma maior gama de oportunidades, as mais variadas possíveis, como um melhor preparo para concursos, investimento em língua estrangeira, cursos de aperfeiçoamento, tempo disponível para o estudo, acesso aos meios de cultura, de comunicação e tecnologia, e a valorização da educação. Já em classes sociais menos favorecidas, ocorre um ofuscar de capacidades superiores, pela falta de oportunidades e também pelos valores culturais.

Como aponta Delou (*apud* PÉREZ, 2003, p.51), “em meio à crise do ensino público onde prevalece o fracasso escolar, o alto desempenho é esperado apenas dos alunos de classe média, tornando-se o fracasso como norma para os alunos de classes desprivilegiadas”.

Enfatiza-se o mito sobre distribuição como relevante, no presente estudo, por acreditar ainda existir uma visão elitista, quanto a pessoas talentosas, assim como a crença de que, entre a população menos favorecida, há uma maior incidência de criminalidade e que, por esse motivo, dificilmente seriam encontrados portadores de altas habilidades, ou seus indicadores, entre menores reclusos em qualquer CASE do País.

Após a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – Lei 8.069/90 (BRASIL, 1990) – crianças e adolescentes começaram a ter, perante a justiça, tratamento diferenciado ao dos adultos, passando a ser levada em conta sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Em consequência disto, as medidas de punição aos crimes de crianças e adolescentes, tomaram um caráter sócio-educativo. E é através deste viés que esta pesquisa se direciona, ou seja, através dela, procuram-se identificar indicadores de altas habilidades, entre os reclusos no CASE do Município de Santo Ângelo-RS, com a intenção de contribuição social, pois estes indicativos podem e devem ser utilizados como medidas sócio-educativas.

Para melhor compreensão do funcionamento da entidade na qual está inserida a escola, faz-se necessário o entendimento da estrutura da mesma: o CASE – Centro de Atendimento Sócio-Educativo – existe em diferentes Municípios; a FASE – Fundação de Atendimento Sócio-Educativo – mantém os CASEs de diferentes Municípios; a Escola

Estadual de Ensino Fundamental Herbert de Souza é a escola que funciona, nas dependências do CASE do Município de Santo Ângelo-RS.

Atualmente, o CASE mantém 49 menores infratores reclusos, número que muda constantemente, pois, segundo o ECA – Cap. IV, Seção VII, Art. 121, § 2º: “a medida não comporta prazo determinado, devendo sua manutenção ser reavaliada, mediante decisão fundamentada, no máximo a cada seis meses”. O § 3º complementa “em nenhuma hipótese o período máximo de internação excederá a três anos”.

Em função da constante avaliação da situação dos internos e de não haver período determinado, para o ingresso de menores infratores, o número de adolescentes, atendidos no CASE, não é permanente, podendo mudar constantemente. Cabe uma observação quanto à capacidade de atendimento que, no caso do CASE do Município de Santo Ângelo-RS, é de 40 adolescentes; contudo, como foi verificado no momento, há 49 menores infratores sendo atendidos na referida Unidade.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Herbert de Souza, que funciona junto ao CASE, atuam doze professores, uma supervisora, uma coordenadora e uma diretora, totalizando quinze profissionais.

O Referencial Teórico, nesta dissertação, para ser melhor apresentado, é estruturado em duas partes. A primeira refere-se ao portador de altas habilidades, suas características, seus aspectos intelectuais, sua criatividade, seus talentos, sua família, seu jeito de ser e sua identificação. A segunda esclarece sobre a estrutura e o funcionamento da Instituição na qual foi realizada a pesquisa; no caso, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Herbert de Souza que funciona junto ao CASE.

A metodologia, adotada neste estudo, envolve uma abordagem quanti-qualitativa, utilizando o estudo de caso. Os sujeitos da pesquisa são os 49 menores infratores, alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Herbert de Souza, que funciona junto ao CASE do Município de Santo Ângelo-RS, e os doze professores que aí atuam.

Espera-se que, ao final, a pesquisa possa contribuir para o esclarecimento sobre as necessidades especiais dos portadores de altas habilidades, que se encontram em situação de risco, como a dos menores infratores, reclusos no CASE.

Objetiva-se também que este estudo possa sugerir meios de como incluir tais sujeitos novamente no convívio social sadio, além de ter a grande pretensão de influir, positivamente, no funcionamento da instituição, em nível de sugestão, já que são muito poucos os estudos, relacionados aos portadores de altas habilidades e, mais ainda, sobre

tais habilidades, dentro de uma instituição que atende a menores infratores.

Considera-se que este caminho possa ser um meio eficaz na inclusão destes menores, já que é um trabalho voltado para a valorização de suas potencialidades e habilidades, ou seja, visa elevar a auto-estima dos menores infratores, reclusos no CASE.

## **1 JUSTIFICATIVA**

A perspectiva de elaboração desta dissertação, como resultado de um trabalho de pesquisa, despertou, a princípio, um sentimento de impotência, pois falar da vida profissional, propor uma ação pedagógica e fundamentá-la, é algo que mexe com toda a estrutura psíquica, física e cultural. É um momento no qual buscam-se ideais pessoais e, ao mesmo tempo, depara-se com o próprio ser, sua origem e como foi formada sua personalidade. Percebe-se ser fruto da cultura de um grupo muito pequeno, que é a família, depois da escola.

A opção pelo tema, abordado neste trabalho, não pode ser justificado de outra maneira, a não ser reportando à infância, às vivências com pais e irmãos, na qual tudo começou. Por isso, apenas neste capítulo, para não parecer estar falando de outra pessoa, empregam-se os verbos na primeira pessoa do singular e não impessoalmente, como requer todo trabalho científico.

Venho de uma família, constituída de pais e cinco filhos, sendo a quinta filha. De classe social baixa, meu pai, além de bancário, era



professor – um homem culto, correto, honesto, de valores morais bem determinados, um porto seguro para todos nós, sempre primando pela educação – e minha mãe cuidava do lar. Assim, crescemos com a certeza de que tínhamos um papel definido na sociedade. Tornei-me uma adulta que procura, na imagem do pai, tecer seus caminhos, acreditando na Educação e buscando um mundo mais justo, integrado por cidadãos mais conscientes de seu papel.

Da infância, lembro-me das brincadeiras de “aulinha”, nas quais minha irmã, Maria da Graça, representava o papel de professora e a mim cabia o de aluna. O resultado destas brincadeiras foi a minha alfabetização em torno dos 5 anos. Meus pais julgaram não ser necessário eu cursar a pré-escola, por este motivo ingressei, com 6 anos, na 1ª série. Nos momentos em que minha irmã não estava em casa, eu assumia o papel de professora e, no meu lugar, o de aluna, ficava a “vovó”, que era o braço direito de minha mãe em casa, uma pessoa sem escolarização, analfabeta. Certo dia, ao perceber que ela tinha aprendido a ler e a escrever, levei um susto e nunca mais quis repetir as brincadeiras de “aulinha” com a “vovó”. Hoje, acredito ter sido este o primeiro contato, com o desafio da inclusão, que tive na minha vida.

Cursei o 1º e 2º graus na minha cidade natal, Santo Ângelo. No ano de 1983, fui morar em Santa Maria, para prestar vestibular. Para poder concorrer a uma vaga, tive que me submeter a uma prova psicológica, observar alunos excepcionais e fazer uma entrevista. No

ano seguinte, iniciei o Curso de Educação Especial – Habilitação em Deficiência Mental. Após me formar, trabalhei um ano na APAE de São Borja – RS. Em 1990, prestei concurso para o Quadro de Professores do Estado. No mesmo ano, fui nomeada e cedida para a Escola de Educação Especial Raio de Sol, em Santo Ângelo, na qual trabalho até hoje.

Em 2002, tive a oportunidade de frequentar um Curso de Capacitação em Educação Especial, na área de altas habilidades, promovido pela Coordenadoria de Educação do Estado, em convênio com a UFRGS. A princípio, achei o tema interessante, pois teria contato com uma realidade oposta à que eu trabalhava, uma vez que, na Escola Raio de Sol, os alunos atendidos são deficientes mentais. Questionei, na ocasião, como seria possível comparar indivíduos, ditos superdotados, com os subdotados, que eu conhecia bem.

Foi grande a minha surpresa, ao constatar que os portadores de altas habilidades também fazem parte da gama de indivíduos excluídos da sociedade. E mais, a história prova que a Educação atual não está preparada, não aceita e não aproveita nenhuma capacidade superior à da maioria da população nas escolas. Ao contrário do que poderia imaginar, estes indivíduos estão mais abandonados do que os outros, considerados excluídos.

Essa circunstância persiste, mesmo após serem contemplados pela Política Nacional de Educação Especial, que estabelece objetivos

gerais e específicos, decorrentes da interpretação dos interesses, necessidades e aspirações de pessoas portadoras de deficiência, condutas típicas, problemas de conduta e de altas habilidades (superdotadas), visando a bem orientar todas as atividades que garantam a conquista e a manutenção de tais objetivos.

No entanto, como o discurso democrático nem sempre corresponde à prática das interações humanas, alguns segmentos da comunidade permanecem à margem, discriminados, exigindo ordenamentos sociais específicos que lhes garantam o exercício dos direitos e deveres. Os portadores de altas habilidades, com suas necessidades especiais, estão neste caso. Geralmente considerados como “desviantes”, têm uma história recente de lutas em prol de seus direitos pela vida, felicidade e tudo que implica tais direitos.

Uma análise retrospectiva da História da Educação, no Brasil, evidencia que a trajetória da Educação Especial acompanha a evolução da conquista dos direitos humanos. Os princípios de individualização, normalização e a integração encontram respaldo filosófico, legal e político educacional, nos seguintes documentos:

- Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948);
- Constituição da República Federativa do Brasil (1988);
- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990);
- Lei das Diretrizes e Bases da Educação (1996).

Durante o período do Curso de Capacitação em Altas

Habilidades, que teve a duração de um ano, totalizando 360 horas-aula, foi nascendo, dentro de mim, uma vontade de continuar investigando estes indivíduos, tão à margem de nossa Educação. O caminho que escolhi foi um Curso de Mestrado, que tivesse alguma pesquisa nesta área. Foi então que fiquei sabendo do trabalho, realizado pela professora Soraia Napoleão Freitas, na UFSM.

O passo seguinte foi elaborar um Projeto de Pesquisa para concorrer a uma vaga no referido Curso. O assunto e os indivíduos, escolhidos para fazerem parte de minha pesquisa, surgiram de uma inquietação e da dúvida se, entre os menores infratores reclusos em instituições apropriadas, poderiam ser detectados alguns indicativos de altas habilidades e de que forma isto poderia ser usado como meio para sua reinclusão na sociedade. Pelo fato de, no Município de Santo Ângelo, funcionar o CASE – Centro de Atendimento Sócio-Educativo – e, em seu interior, a Escola Estadual Herbert de Souza, a pesquisa foi planejada para ser colocada em prática nesse local. Para tanto, fui até a instituição, pedir permissão para realizar o trabalho.

Quando lá cheguei, o choque que tive foi grande, pois, quando se fala em escola, imagina-se um espaço aberto, com recursos os mais variados possíveis e, principalmente, integrada em uma comunidade. Entretanto, o que vi foram celas, transformadas em salas de aula, com portas de aço, janelas gradeadas no alto, guardas sentados nas portas cuidando da segurança de todos, inclusive da minha. Fui levada até a sala de direção, que nada mais é do que outra cela, onde estão

instaladas também secretaria, sala de professores, direção e almoxarifado. A porta fica o tempo todo trancada e só é aberta para a entrada ou saída de alguém, isso só acontecendo com prévio comunicado aos monitores de plantão, para que estes o acompanhe.

O fato que mais impressiona são as pessoas, que ali trabalhavam, chamarem aquela estrutura de *escola*, agindo como “prisioneiros” no seu turno de trabalho e, mesmo assim, achando “tudo normal”.

Passado o primeiro impacto, percebi que, mesmo buscando o direito à Educação de qualidade, os adolescentes, que ali estavam reclusos, de alguma maneira, cometeram atos contra a sociedade e que se encontravam, naquele local, para, de alguma maneira, pagar pelos seus erros. Na ocasião, senti que, de alguma maneira, também tinha que me despir de preconceitos, para poder conviver com eles.

Nesse contexto, sobressaem as questões:

- *Esta é uma maneira eficiente de fazer a inclusão destes indivíduos na sociedade?*
- *Esta escola está provendo com a inclusão destes indivíduos?*
- *Estão valorizando e aproveitando o potencial individual de cada indivíduo recluso, para fazer a inclusão dos mesmos?*

O direito a uma Educação de qualidade, que atenda às peculiaridades destes indivíduos, está assegurada no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL,1990). E, para tanto, cabe ao

Estado prover esta necessidade, buscando, através da Educação, medidas sócio-educativas para incluir estes indivíduos na sociedade.

Como educadores, sabe-se que os modelos de ensino vigentes têm demonstrado pouca eficiência, no que tange à expansão das capacidades individuais, sobretudo quando o que se tem em vista é uma demanda, cada vez maior, de indivíduos com funcionamento diferenciado. Os métodos de ensino tradicionais, simplesmente, não têm conseguido prover estes alunos de uma adequada estimulação de seus talentos e uma favorável inclusão social que os capacitem a contribuir, em nível de suas aptidões pessoais, em benefício da comunidade.

Tem que se ter claro que os menores, ali reclusos, já freqüentaram a escola e, que por vários motivos, a mesma os expulsou, muitas vezes usando o discurso, já conhecido, de que certos alunos não se adaptam ao ambiente escolar, por serem rebeldes, hiperativos, evidenciarem problemas de conduta, ou seja, são de alguma forma marginalizados pela instituição.

Não podem ser esquecidos os vários exemplos, na sociedade atual, de grandes personagens do crime, como Fernandinho Beira-Mar e vários outros bandidos, mundialmente conhecidos, que comandam o crime organizado, até mesmo do interior de presídios de segurança máxima. Estes são alguns exemplos de mentes brilhantes que a sociedade perdeu.

Sendo os portadores de altas habilidades sujeitos inquisidores, não conformistas e dotados de grande curiosidade, o que propicia dificuldades adaptativas, característica evidentes em muitos internos do CASE, cabe à escola prover, com os meios sócio-educativos, para readaptar este grupo ao contexto social.

A presente pesquisa tem, como objetivo, apontar indicativos de altas habilidades em internos do CASE, o que pode favorecer muito o trabalho da escola, na luta pela inclusão dos mesmos na sociedade. Propõe-se conhecer os indivíduos, ali reclusos, reconhecer suas habilidades e utilizá-las como “arma” contra a baixa e irreal auto-estima e a falta de perspectiva de mudança de vida que possam ter.

Atualmente, vivencia-se uma realidade amarga, na qual cada vez é maior o número de menores que se envolvem com crimes, drogas e atos ilícitos. Estes são usados para cometer atrocidades, por estarem “impunes” perante a lei. Quando depara-se com uma realidade como a destes menores, percebe-se apenas um caminho, para eles, que é o da criminalidade, pois a única resposta que podem dar à violência, fome e abandono, é o ódio.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Conhecendo a Pessoa Portadora de Altas Habilidades**

Crianças e jovens mais inteligentes, ou mais talentosas do que as crianças e adolescentes normais, existem em toda a parte. De acordo com os critérios convencionais da psicometria, 25% das crianças e jovens têm inteligência acima da média, isto correspondendo à cerca de dez ou onze milhões de brasileiros com menos de dezoito anos de idade. Já a Organização Mundial da Saúde – OMS – estima que 3,5% a 5% da população mundial têm altas habilidades, dado extraído do Manual de Orientação para Pais e Professores de PPAH/ superdotados e talentosos (ABSD-RS, 2000 ).

Mesmo com estes números significativos, aqueles que são excepcionais, pela riqueza de sua dotação pessoal, constituem um campo ainda à espera de pesquisas iniciais. Os estudos, voltados ao portador de altas habilidades, têm sido, provavelmente, os menos sistemáticos, flutuando ao sabor de sucessivas correntes de pensamento da Filosofia da Educação, da Psicologia e da História.



Desde o início até a terceira década do século passado, manifestou-se, entre os pesquisadores da área da Psicologia e da Educação, um grande interesse nos altamente capazes, porquanto se experimentavam novos métodos de ensino, reaparecendo a influência das idéias de Hegel (*apud* ROSENBERG, 1978) e grandes reformulações psicológicas eram examinadas. Muitos estudos foram empreendidos ou iniciados nesta época, procurando obter um melhor conhecimento, tanto das aptidões incomuns, como das habilidades acadêmicas ou intelectuais, liderança, criatividade, competência psicomotora e artísticas acima da média, como dos modos de cultivá-las.

Alude-se, aqui, às considerações de Hegel, na estética sobre criatividade, cuja recuperação foi marcante após a 1ª Guerra Mundial, e que conferiam especial destaque ao pleno desenvolvimento das potencialidades e experiências do ser humano.

No Brasil, um reflexo de tais idéias e também de outras influências, provindas da Filosofia, da Pedagogia e de alterações econômicas e sociais, é descrita por Moreira (1964, p.22):

A Revolução de 1930 veio encontrar [...] duas tendências em choque, a que visava simplesmente ao alargamento do sistema educacional existente, com todas as simplificações que lhe fizeram depois de 1920, e a outra, [...] que propugnava a revolução qualitativa do sistema existente, como condição de desenvolvimento cultural do Brasil [...]. Os renovadores tiveram oportunidades de dirigir e tentar a reorientação educacional em várias de nossas Universidades Federais [...] foram todas tentativas que se

realizaram pouco antes e depois de 1930 [...]. A outra tendência, porém tradicionalista e simplificadora, acabou prevalecendo.

Após este período, a normalidade e a padronização de conhecimentos passaram a constituir-se na história psicopedagógica como ideal, inclusive para a experiência, vivenciada individualmente. O desenvolvimento de talentos e potenciais atípicos foi, nesta fase, senão desencorajada, pouco visado. Mais recentemente, porém, reanima-se a preocupação com o aproveitamento dos plenos recursos humanos em benefício da sociedade e do ajustamento pessoal. A sub-realização destes indivíduos afeta não somente o seu próprio ajustamento, mas também o acervo da sociedade a que pertencem. O reconhecimento e o cultivo de talentos especiais são metas que revertem em benefício direto do próprio País. Uma das medidas que podem definir um grupo social, qualquer que seja seu tamanho, é a obra realizada por seus elementos mais destacados.

*Bastará, porém, que se favoreça o pleno desenvolvimento pessoal, para que a sociedade esteja assegurada de contribuições valiosas?* Os programas, elaborados em torno dos portadores de altas habilidades, sempre deveriam optar entre objetivos pessoais e grupais, pois o que a sociedade deseja receber não constitui, necessariamente, o mesmo que o indivíduo pode, ou quer, oferecer-lhe. A oposição entre o bem social e o bem individual, aos poucos, vem sendo superada pelo contato e pela experiência com o próprio portador de altas habilidades.

Percebe-se, através das pesquisas e estudos até então realizados, que tal oposição é fruto de carência de condições e serviços especiais, pois nota-se uma preocupação dos textos jurídicos, através de leis, dispositivos e pareceres, indicativos aos bens e serviços, que os portadores de altas habilidades têm direito a desfrutarem. Porém, ao mesmo tempo, estes direitos não são assegurados, através de políticas públicas eficazes que criem condições para que estes documentos sejam colocados em prática.

É necessário o comprometimento dos governos na implantação de políticas públicas, no trabalho preventivo nas escolas, evitando a discriminação, rotulação e a exclusão dessas pessoas diferentes. Ficam claros, contudo, os perigos de uma atitude negligente em relação ao portador de altas habilidades, e de uma argumentação antiquada, sem fundamentação teórica e científica, baseada no “se Deus quiser”, de que a criatividade florescerá, apesar de abandono, rejeição e coação.

Se houver a probabilidade de que surjam reais efeitos psicopatológicos, quando necessidades cognitivas são frustradas, tal probabilidade será mais alta quando referente aos portadores de altas habilidades, ao restringir os mecanismos de aferição, como os testes de QI, que atendam mais às aptidões lingüísticas e lógico-matemáticas, deixando de considerar uma série de outras habilidades importantes, como a criatividade, a capacidade de liderança e a motivação. Alta habilidade não se restringe à cognição e tê-la em qualquer campo, não é garantia de pleno sucesso na vida.

O descompasso entre o desenvolvimento intelectual, social e o afetivo contribui para um desequilíbrio. Uma das formas de combater os desajustes emocionais é ajudar o indivíduo, portador de altas habilidades, a desenvolver seu potencial e a se sentir amado e compreendido. É necessário e urgente um esforço para que alunos, portadores de altas habilidades, não se considerem, ou sejam considerados, melhores do que outros. Eles podem tanto se destacar, academicamente, como não, podendo estar apenas em alguma área muito acima da média - áreas como ciências, esporte, artes – desde que sejam de seu interesse.

Ao contrário do que se pensa – que o portador de altas habilidades é autodidata, auto-suficiente – o prefixo “auto” é determinante em sua personalidade. Se for comprovada e vivenciada alta habilidade em determinados alunos, sem um suporte adequado, pode gerar desconforto, isolamento e até insucesso no futuro. É fundamental que o estímulo correto, aquele que atende às necessidades das crianças e não a dos pais, que encoraja exercícios de raciocínio, nas mais variadas áreas do conhecimento, venha da escola e da família.

Atualmente, há fatores que prenunciam, para breve, a elevação dos portadores de altas habilidades à “tema da moda”, no meio acadêmico, o que sem dúvida constitui uma tendência favorável para o surgimento de um maior número de pesquisas e estudos sobre o assunto na área de educação. Entre esses fatores, citam-se: o recente

interesse, entre os educadores, por tópicos, como a criatividade e o lazer, além das reformas escolares que, atualmente, são experimentadas no sistema educacional nacional; o volume de pesquisas brasileiras, preocupadas com aprendizagem, ajustamento profissional, e também a divulgação progressiva de um número cada vez maior de estudos estrangeiros, a respeito de temas, como criatividade.

Esta tendência destaca a importância da realização plena do potencial dos indivíduos, da diversificação pedagógica e outras medidas que visam propiciar, ao ser humano normal, condições de tornar evidentes as suas possibilidades de realização. Nesta perspectiva, os portadores de altas habilidades recebem a atenção de especialistas que se dedicam ao melhor aproveitamento dos recursos pessoais e sociais, existentes na comunidade escolar, pois a sociedade se beneficiaria com as contribuições qualitativas – em nível social, educacional e, porque não, nas decisões políticas do País – que os portadores de altas habilidades poderiam apresentar para a solução de problemas.

Sabe-se que não basta aproveitar, ao máximo, a habilidade superior específica, que é, na sua grande maioria, o que apresentam os portadores de altas habilidades, ou seja, habilidades em determinadas áreas, bem definidas. É preciso ainda desenvolver, nos indivíduos que a possuem, traços desejáveis de personalidade, espírito cívico e liderança. A orientação adequada para os portadores de altas

habilidades não é luxo, mas uma necessidade de vida cultural. Os estudos indicam que perdem-se muitas pessoas, potencialmente capazes de atingir um curso superior, o que constitui um desperdício, tanto para o indivíduo como para a sociedade.

No entanto, não é apenas porque o portador de altas habilidades merece oportunidades condizentes com o seu potencial, ou porque a humanidade precisa de seus talentos, que psicólogos e pedagogos pesquisam suas características. É também para melhor compreender e auxiliar o ser humano “normal”, estabelecendo padrões e normas para a mensuração mais válida e identificar novos métodos de aprendizagem e criação. O estudo de portadores de altas habilidades pode ser visto como a outra fonte de prováveis contribuições ao conhecimento do ser humano em geral. Enquanto os que representam extremos inferiores de uma escala oferecem a matéria mais simples de analisar, os que alcançam o cume, desta mesma escala, servem de “ideal” para a comunidade.

Aliás, é necessário ora lembrar a precariedade de qualquer conceito do que seja normal. O indivíduo normal o é em relação a um ou vários itens mensuráveis, nunca em referência a todos. Enquanto pode-se dizer do portador de altas habilidades que é atípico, ele provavelmente não é menos “normal” na soma de todos os aspectos que qualquer outro elemento da população.

O interesse pelo indivíduo, portador de altas habilidades, é tão

antigo quanto a percepção das diferenças entre os seres humanos. Ao longo da história do Ocidente, definiram-se duas correntes opostas e simultâneas.

Segundo Tannenbaum (*apud* Rosenberg ,1978, p.14):

Por um lado, o ser humano tem demonstrado uma sede quase insaciável de novidade nas artes, ciências e humanidades e, conseqüentemente, tem encorajado e celebrizado os homens criativos. Por outro lado, ele tem manifestado um desejo tenaz de permanecer culturalmente conservador, olhando os homens de idéias com desconfiança e desprezo.

Embora esse assunto sempre tenha despertado interesse para os estudiosos, existe muito pouca pesquisa científica a este respeito. Em função disso, as controvérsias, na conceituação de altas habilidades, indicam o quanto essa conceituação ainda confunde. Dentre os estudos, já realizados, percebe-se grupos distintos de critérios para a conceituação: definições *a posteriori*, definições de QI e criatividade.

As definições *a posteriori* baseavam-se somente em realizações profissionais destacadas, ou seja, eram considerados portadores de alta habilidade aqueles que tinham profissões, reconhecidas socialmente como superiores, e que eram bem sucedidos nelas. Esta concepção do que seria um portador de altas habilidades predominou até o princípio do século XX e referia-se, basicamente, ao sexo masculino.

Foi superada pelas definições de QI, que eram medidas mais objetivas. Referiam-se aos portadores de altas habilidades como aqueles de QI igual ou superior a 140 na escala de Stanford-Binet. Mais tarde, entretanto, notaram-se as falhas de tais mensurações e verificou-se que as altas habilidades não eram mero sinônimo de inteligência, abstrata ou geral, devendo o conceito abranger também os talentos em artes, liderança social e criatividade.

Segundo Rosenberg (1978, p. 15):

O aprimoramento nas técnicas de avaliação, tanto de potencial como de realização, levou à adoção de critérios de distribuição das posições relativas do indivíduo num grupo determinado. Ainda é enfatizado, cada vez mais, a criatividade como dimensão inerente à superdotação e procuram identificar os traços que propiciam o seu desenvolvimento.

A variação entre essas formas práticas de conceituar as altas habilidades reflete, em parte, certas dúvidas, quanto ao que deve ser julgado como superdotação: *alta capacidade específica e nível mental médio, ou o contrário?* A dificuldade de se atribuir uma única definição, para altas habilidades, passa também pela dificuldade de consenso entre os estudiosos no que seja um único conceito de inteligência.

Não é possível cair na conceituação de altas habilidades, referindo-se à inteligência geral, tanto porque esta seria subjacente à



maior parte das capacidades e talentos, incluindo o acadêmico, ou porque é conhecida melhor do que os fatores e aptidões especiais, ou por já contar com escalas de inteligência geral com valor prognóstico satisfatório. Isto não ocorre quando são focalizadas a inteligência emocional, ou mecânica, ou a facilidade para teatro, literatura, música e esporte.

São muitas as dificuldades de conceitualizar a pessoa, portadora de altas habilidades, pois, além de levar em conta as concepções dos diferentes autores, tem-se de vislumbrar as diferentes abrangências destas concepções.

As principais teorias, propostas neste estudo, ligadas ao tema em questão e consideradas, por esta pesquisadora, como as mais significativas na atualidade, são, a seguir, descritas.

1. A definição de Howard Gardner – A definição e a teoria do pesquisador estão fundamentadas em sua Teoria das Inteligências Múltiplas (1999), ao afirmar que a inteligência é muito mais do que um simples score de QI. Gardner descreve sete inteligências: Lingüística, Lógico-Matemática, Espacial, Musical, Corporal-Cinestésica, Interpessoal e Intrapessoal. Afirma que talento se constrói e se exercita.

2. A definição de Ellen Winner (1998) – A autora apresenta uma perspectiva sobre o que seria a superdotação, salientando os mitos

sobre os portadores de altas habilidades. Destaca a precocidade das crianças, portadoras de altas habilidades, o seu grande poder de motivação, a rapidez com que aprendem e a diferença qualitativa com que isso ocorre. Origina-se desse pressuposto dizer que são criativas, pois fazem descobertas, por conta própria, e resolvem problemas de forma inusitada.

3. A definição de Zenita Guenther (2000) – Segundo a autora, quando se fala em pessoas bem dotadas e talentosas, está-se referindo àquelas bem acima da média, em uma ou mais características, valorizadas em sua cultura. Acredita que, embora a boa dotação já nasça com o sujeito, seu desenvolvimento deve ser trabalhado durante sua existência, não só nas interações sociais como no ambiente físico que frequenta.

4. A definição de Marsyl Mettrau (1997) – A autora acredita que a inteligência pode se expressar de diferentes maneiras, além de ser uma construção pessoal que se dá em um processo de convivência entre indivíduos. Salienta o afeto, o desejo e a motivação, como fatores importantes, para que a inteligência se manifeste e se desenvolva.

5. A definição de Joseph Renzulli (1994) – Ele afirma que não existe uma forma ideal de se medir a inteligência e, portanto, deve-se evitar a prática de muitos em achar que, a partir da pontuação de QI de um sujeito, conhece-se a sua inteligência. Destaca duas categorias de

altas habilidades: intelectual ou acadêmica e a produtivo-criativa. Define três grupos de características que se entrelaçam entre si, detectadas nas pessoas portadoras de altas habilidades: habilidade acima da média, compromisso com a tarefa e criatividade elevada.

No Brasil, o portador de altas habilidades é definido, na Política Nacional de Educação Especial, como aluno de educação especial que apresenta, segundo MEC/SEESP (BRASIL, 1995, p.13):

Notável desempenho e elevadas potencialidades em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criativo ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes e capacidade psicomotora.

Nas Diretrizes Gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades, esta definição é aprimorada configurando-se da seguinte forma, conforme MEC/SEESP (BRASIL, 1995, p. 13):

[...] altas habilidades referem-se a comportamentos observados e/ou relatados que confirmam a expressão de “traços consistentemente superiores” em relação a uma média [...] em qualquer campo do saber ou do fazer. Deve-se entender por “traços” as formas consistentes, ou seja, aquelas que permanecem com frequência e duração no repertório dos comportamentos da pessoa, de forma a poderem ser registrados em épocas diferentes em situações semelhantes.

A definição, contida nas Políticas Públicas de Educação Especial

(BRASIL, 1994), remete a uma questão, que é a competência deste sujeito. As palavras “notável”, “elevada” e “consistentemente superior”, indicam uma preocupação quantitativa acima da média. Já a definição das Diretrizes Gerais para o atendimento educacional, aos alunos portadores de altas habilidades, propõe uma concepção de valorização dos aspectos qualitativos do sujeito, embora ainda apresente a concepção de competência, ao ser o sujeito, portador de altas habilidades, comparado a uma média. Outro ponto a favor desta segunda definição é o fato dela não restringir o referido sujeito ao âmbito educacional.

Tais facetas da capacidade intelectual vêm sendo brilhantemente abordadas por pesquisadores, como Renzulli e Reis (*apud* Manual de Orientação para Pais e Professores, ABSD-RS, 2000, p.13):

O comportamento de superdotação consiste nos comportamentos que refletem uma interação entre três grupamentos básicos de traços humanos – sendo esses grupamentos capacidades gerais e/ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimentos com a tarefa de elevados níveis de criatividade. As crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e aplicá-los à qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano.

Estudos como os do pesquisador Renzulli são de extrema importância para a sociedade, no sentido de desmistificar o indivíduo, portador de altas habilidades, pois sabe-se que, durante séculos, poetas, artistas e filósofos foram vistos como receptáculos de forças

externas a eles, de origem divina ou patológica, e sempre foram tratados como pessoas, em algum grau, marginais à coletividade. Pressupunha-se, enfim, característica qualitativa mística, que diferenciava os gênios e artistas do homem “normalmente” constituído.

Conforme Rosenberg (1978), na época da Revolução Industrial, a sociedade passou a admirar mais o esforço do que a capacidade, e seus membros a buscar sucesso material, de preferência à homenagem intelectual. A inteligência superior assumiu, então, um caráter de oposição à imagem ideal do homem, passando a ser recebida com temor e estranheza. Na verdade, remanescem, entre as pessoas, os efeitos desta imagem negativa do portador de altas habilidades. São difundidas ainda crenças de que a tendência ao destaque, apenas a alguma capacidade específica, intelectual ou criadora, e não a todas as áreas do conhecimento, formando um ser completo, envolve correspondentemente uma deficiência que se revelaria por uma inclinação para a insanidade mental, a instabilidade emocional e a senilidade precoce.

Em versão menos extremada, os mesmos preconceitos reaparecem, quando se associa a imagem da dotação excepcional à tendência para a ineficiência, infelicidade, egoísmo, desadaptação social e emocional.

Os efeitos de tais concepções não podem ser desprezados,

quando se procura situar o portador de altas habilidades na cultura em geral, pois a atitude e o comportamento dos outros, em relação a ele, são dados que ele deverá elaborar em seu desenvolvimento pessoal. As reações do grupo que o cerca podem provir de inveja, temor ou incompreensão e traduzir-se em nível do comportamento, em rejeição, hostilidade, marginalização ou superproteção.

### **2.1.1 Características do portador de altas habilidades**

O portador de altas habilidades, por não apresentar um comportamento homogêneo, tem suscitado muitos estudos de levantamento de dados que o caracterizem. Traços, como liderança, humor, criatividade, rapidez de pensamento, envolvimento, aversão às regras fixas, hiperatividade, comportamentos estes que levam em conta, variam, de acordo com o contexto sociocultural, com a etapa de desenvolvimento e com as diferenças, de indivíduo para indivíduo. Os portadores de altas habilidades interagem com o mundo de maneira diferente do das outras pessoas. Seus pontos de vista, modos de agir e reações aos comportamentos apresentam peculiaridades que podem ser observadas e identificadas.

Em geral, os portadores de altas habilidades não apresentam as características, referendadas na Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994), simultaneamente, nem mesmo em graus de habilidades semelhantes. Uma das características dos portadores de

altas habilidades é a heterogeneidade, ou seja, podem se destacar em uma área ou podem combinar várias. Observa-se, freqüentemente, crianças que se desenvolvem mais em uma área específica, do que em outras. Segundo Novaes (1979, p.55), “o superdotado caracteriza-se pela magnitude de sua potencialidade, pela expressividade de sua performance e pela constância de seus talentos e aptidões”.

É imprescindível caracterizar o portador de altas habilidades, através de seu comportamento, reação, interesse e dificuldade. Assim, é comum encontrar portadores de altas habilidades expansivos, sociáveis, tímidos e introvertidos. Estes aspectos dependem muito do tipo de habilidades que cada um possui. Traços como curiosidade, abertura para novas experiências, flexibilidade de pensamento, resistência à rotina, versatilidade de interesses, habilidade para perceber a relação entre os fatos, inconformismo, necessidade de variar, são comuns à maioria dos portadores de altas habilidades.

Vários autores têm pesquisado os diferentes tipos de altas habilidades. Entre essas, são mencionadas no documento das Políticas Públicas de Educação Especial (BRASIL, 1994), algumas características, a saber:

- Tipo Intelectual: apresenta flexibilidade e fluência de pensamento, capacidade de pensamento abstrato para fazer associações, rapidez do pensamento, julgamento crítico, independência de pensamento, elevada compreensão e memória, capacidade de resolver e lidar com problemas.
- Tipo Acadêmico: evidenciam aptidão específica de atenção, de concentração, rapidez de aprendizagem, boa memória, interesse e motivação pelas disciplinas

acadêmicas de seu interesse, habilidade para avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento e capacidade de produção acadêmica.

- Tipo Criativo: originalidade, imaginação, capacidade para resolver problemas de forma diferente e inovadora, sensibilidade para as situações ambientais, sentimento de desafio diante da desordem de fatos, facilidade de auto-expressão, fluência e flexibilidade.

- Tipo Social: revela capacidade de liderança e caracteriza-se por demonstrar sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, habilidade de trato com pessoas diversas e grupos para estabelecer relações sociais, percepção acurada das situações de grupo, capacidade para resolver situações sociais complexas, alto poder de persuasão e de influência no grupo.

- Tipo Talento Especial: pode se destacar tanto na área das artes plásticas, musicais, como dramáticas e literárias, ou técnicas, evidenciando capacidades especiais para essas atividades e alto desempenho.

- Tipo Psicomotor: destaca-se por apresentar habilidade e interesse pelas atividades psicomotoras, evidenciando habilidades e desempenho, nessa área, fora do comum, relativos à velocidade, agilidade de movimentos, força e resistência, controle e coordenação motora.

Tais tipos não se esgotam em si mesmos, podendo, se combinados entre si, formar outras categorias de altas habilidades. É importante ressaltar que, além da elevada potencialidade de aptidões e talentos, para que o indivíduo seja considerado portador de altas habilidades, faz-se necessário a constância de tais aptidões no decorrer de sua existência. Há registros de muitos casos nos quais a precocidade do aparecimento das habilidades, frente aos obstáculos e frustrações, existentes no desenvolvimento das mesmas, faz com que o indivíduo apresente resistência em desenvolvê-las.

De acordo com Renzulli (1994), autor que será tomado como



base desta pesquisa, as altas habilidades dividem-se em dois grupos básicos:

- Acadêmico – aquele aluno que se destaca, nas diferentes disciplinas, apresentando um rendimento escolar superior ao de seus colegas. Suas habilidades, normalmente, concentram-se nas áreas lingüística ou lógico-matemática. O seu desenvolvimento tende a enfatizar a aprendizagem dedutiva, o treinamento estruturado no desenvolvimento dos processos de pensamento e a aquisição, armazenamento e recuperação das informações. Esse é o tipo que mais facilmente mede o Q.I., ou outros testes de habilidades cognitivas. Portanto, é o tipo mais utilizado para selecionar educandos para programas especiais. As habilidades exibidas pelos sujeitos nos testes de aptidão são as mesmas avaliadas nas situações tradicionais de aprendizagem escolar.

- O outro tipo é o denominado produtivo-criativo, que coloca suas habilidades a serviço da criatividade, trabalhando nos problemas e áreas de estudo que têm relevância pessoal para ele. Geralmente, destaca-se por ser mais questionador, extremamente imaginativo, inventivo e dispersivo. Quando a tarefa não lhe interessa, não aprecia a rotina e, tendo modos originais na solução de problemas, muitas vezes tem baixo desempenho e baixa motivação ao realizá-la. Os testes de Q.I. não conseguem avaliar este tipo de superdotação totalmente, porque a característica principal deste aluno é o elevado nível de criatividade, que não pode ser avaliado por instrumentos

padronizados. Ele usa mais o pensamento divergente, o que dificulta sua avaliação, que, quando feita dentro dos padrões tradicionais de ensino, geralmente não consegue perceber aptidões que atendam às expectativas da escola.

A idéia, defendida por Renzulli, é que altas habilidades não é algo que o sujeito tenha ou não, mas o autor considera esses aspectos como relativo ou situacional. O indivíduo pode ter altas habilidades, mas, se não forem bem trabalhadas, podem desaparecer. E o indivíduo pode ter um potencial maior e, se bem trabalhado por programas educacionais, pode desenvolver um comportamento de altas habilidades, destaca Alencar (2001).

De acordo com Nicoloso ( 2002, p.12):

Para Renzulli, há dois propósitos em uma educação para portadores de altas habilidades. Primeiramente, oferecer um máximo de oportunidades, a fim de que alcancem o maior desenvolvimento da expressão em áreas ou em uma em especial, na qual possa ser encontrado potencial superior. Segundo, aumentar o dom social de pessoas que auxiliem nos problemas da sociedade contemporânea, tornando-se produtores de conhecimento e de arte, muito mais do que consumidores de informação, que é a fonte geradora de nossa era.

A concepção de altas habilidades, defendida por Renzulli, propõe que os indivíduos apresentam três traços marcantes, quais sejam: uma capacidade acima da média, um alto envolvimento com as tarefas que executam e uma alta criatividade. Salienta ainda que

qualquer desses traços isolados não compõem altas habilidades, mas a interseção entre estas três características, a idéia dos três anéis.

Entende-se a terminologia do seguinte modo:

a) Capacidade acima da média: termo utilizado para descrever o potencial de desempenho, representativamente superior, em qualquer das áreas determinadas do esforço humano e que pode ser caracterizada por dois aspectos:

- Habilidades gerais, que consiste na capacidade de processar as informações, integrar experiências que resultem em respostas adequadas e adaptadas a novas situações e a capacidade de envolver-se no pensamento abstrato;

- Habilidades específicas, que consiste nas habilidades de adquirir conhecimento e destreza numa ou mais área específicas;

b) Envolvimento com a tarefa: é o expressivo interesse que o sujeito apresenta em relação a uma determinada tarefa, problema ou área específica do desempenho, e que caracteriza-se, especialmente, pela motivação, persistência e empenho pessoal nesta tarefa;

c) Criatividade: define-se pela capacidade de juntar diferentes informações para encontrar novas soluções. Caracteriza-se pela fluência, flexibilidade, sensibilidade, originalidade, capacidade de elaboração e pensamento divergente, dentre outros.

A interação entre os três traços é a característica mais importante, porém, as influências do meio ambiente também são relevantes, para que a pessoa com altas habilidades possa desenvolver seu potencial de forma harmônica, sendo, extremamente necessário, o envolvimento da família, da escola e da sociedade para tal.

### **2.1.2 Aspectos intelectuais do portador de altas habilidades**

A ênfase deste conjunto de traços recai sobre a caracterização mental, na qual encontram-se portadores de altas habilidades com capacidade de abstrair e generalizar, podendo ir mais longe e mais depressa do que pessoas com capacidade mediana de inteligência e sendo aptos para, por si mesmos, descobrirem o que, aos outros, precisa ser dito. As diferenças qualitativas da inteligência são associadas a funcionamentos intelectuais diferenciados, ou seja, não apenas o nível intelectual seria superior, mas seus padrões de funcionamento seriam diferenciados.

Tais padrões de funcionamento referem-se à compreensão do que seja o pensamento convergente e divergente. O primeiro diz respeito à inteligência, tal como é mais comumente entendida e mensurada, sendo aquele que mais comumente se cultiva no mundo pré-organizado, como a escola. O segundo, é o que se refere à inovação, lança-se para além de uma situação e é, por enquanto, mal definido e de difícil avaliação.

Ao estudar as características do pensamento dos portadores de altas habilidades, ambos os aspectos devem ser considerados, levando-se em conta uma abordagem multidimensional. Detendo-se à ênfase que tem sido a da Educação, e conseqüentemente a da psicometria, arrisca-se a notar apenas numa criatividade brilhante, a incapacidade ou a recusa de perceber aquilo que o consenso grupal, comum, elegeu como adequado e a desprezar o que pode ser a promessa de uma mente brilhante.

Na comparação entre o desenvolvimento intelectual das pessoas, ditas normais, e a dos portadores de altas habilidades, as dúvidas e os interesses podem parecer tolas, as tarefas a que os portadores de altas habilidades se propõem são difíceis, e, com freqüência, sem valor para o grande grupo em que está inserido. Suas preocupações são consideradas inadequadas, impróprias ou sem importância. Como exemplo destas preocupações está a curiosidade precoce sobre o que seja a morte, origem da vida, moral, dentre outros.

Em vista ao seu autonível de crítica, sua auto-exigência de respostas satisfatórias e a seriedade peculiar que dedica a formulações de conceitos, tudo isso leva o portador de altas habilidades a graus de elaboração e precisão que o indivíduo normal não leva em consideração. O portador de altas habilidades contesta explicações simplistas e não lhe agrada o fato de não poder ir ao fim de uma idéia ou tarefa.

Um dos aspectos mais significativos, nos portadores de altas habilidades, é a perseverança em alcançar uma meta que lhe interessa, traço que lhes parece inerente, se não for reprimido. Do ponto de vista perceptivo, parece reagir mais a uma orientação estética, filosófica do que a uma utilitária, imediatista. Os seus objetivos são traçados de acordo com sua necessidade de saber o que as coisas são, como e porque funcionam. A manifestação de interesse pode coincidir em atividade concreta, em realização ou criação, como também, isso pode não ocorrer.

O exacerbado grau de curiosidade leva o portador de altas habilidades a conhecer e a experimentar novas situações e atividades, vivenciando-as intensamente e em um número maior de campos. Além disso, o alto nível de exigência com o seu desempenho faz com que se sinta insatisfeito com o produto final, buscando novas alternativas que atendam a suas expectativas. É comum ver portadores de altas habilidades começarem uma ou mais atividades, deixando de lado as que não lhe satisfazem mais, dedicando-se mais nas que lhe agradam e desafiam. Esta situação não é fácil de lidar, pois pode parecer que os mesmos não possuem persistência no que se propõem a fazer. Na verdade, ocorre uma desmotivação pela tarefa em função da mesma não atender mais os seus interesses.

Segundo Vieira (2000, p.50), as pessoas com altas habilidades:

não são apenas mais rápidas que as demais, são também autônomas porque fazem descobertas sozinhas; são

criativas porque investem novas formas de entender; são motivados porque têm um grande anseio de dominar a área na qual demonstram interesse [...] Estruturam seu pensamento de forma auto-reguladora, monitorando e usando de estratégias próprias enquanto trabalham na tarefa que desperta seu interesse.

Uma das expectativas mais básicas que se pode ter, em relação a indivíduos portadores de altas habilidades, é a de que as suas preferências, atitudes e comportamentos, em relação à busca por saber, particularmente no que concerne ao saber já existente, apresentam um padrão que se diferencia, significativamente, daquele dos indivíduos normais. Afinal, é razoável imaginar que uma capacidade superior, para manipular informações e conhecimento, venha a produzir estratégias mais sofisticadas, para interação com as diversas fontes de conteúdos, disponibilizados pela sociedade e cultura.

### **2.1.3 Criatividade: um diferencial entre os seres humanos**

Inúmeras são as definições sobre o que seja criatividade. Encontram-se conceituações, baseadas no processo criativo, algumas no produto e outras nas características da pessoa criativa. Todas, porém, concordam em alguns pontos, ao reconhecer que o produto, para ser considerado criativo, deve ter o atributo da novidade e deve ser útil, válido em algum momento no tempo e na cultura.

Alencar (1992) salienta que o aspecto mais ressaltado, nas definições de criatividade, é a urgência de um produto novo, e que, para que este produto seja considerado satisfatório ou apropriado, é necessária a aprovação de um número significativo de pessoas. Deve-se ter o cuidado para que o conceito de “produto” não leve a pensar apenas em uma produção de caráter exclusivamente material, corpórea, omitindo-se, por exemplo, a produção de idéias.

Observa-se, hoje, que muitos desconhecem que o potencial, presente no ser humano, é imenso, e está sendo utilizado de maneira limitada, permanecendo muitas habilidades inibidas, ou bloqueadas, por falta de estímulo, de encorajamento e de um ambiente favorável a seu desenvolvimento. É lamentável que a sociedade e a escola desencorajem aqueles que refletem, questionam, que desperdiçam talentos e possibilidades intelectuais na busca de soluções para os problemas vividos atualmente.

Segundo Alencar (1992, p.14),

observa-se também que a importância de se cultivar a imaginação e a atividade criadora na escola, através de um ensino orientado para a solução de problemas novos e para a preparação do aluno para a produção do conhecimento, tem sido ressaltada em publicações de diferentes países [...]

Muitas vezes, o tema criatividade é mal compreendido, pois pode levar a compreensão de apenas um aspecto, ligado às



questões referentes somente às artes, música ou teatro. Criatividade tem a ver também com questões como resolução de problemas, consistindo em idéias originais e não se restringindo a exercícios e atividades que possibilitem um conhecimento e uma criação, em apenas uma área, mas em diversas.

Tomando, como base, a concepção de altas habilidades, segundo Renzulli (1994), já citada anteriormente, a criatividade aparece como um dos grupamentos básicos dos traços humanos e como elemento aferidor dos comportamentos dos portadores de altas habilidades.

É importante salientar que todas as pessoas possuem criatividade, sendo todos capazes de produzir, construir, inventar novos objetos, coisas, idéias, reformulações. Todos têm o poder de produzir elementos e conhecimentos novos, pois nascem dotados deste potencial, trazendo, como herança da espécie, a habilidades de criar. Isso ocorre com toda espécie humana, e não somente com os portadores de altas habilidades, porém, o que acontece é que a criatividade aparece em graus diferenciados, que variam de pessoa para pessoa, inclusive entre os portadores de altas habilidades.

Renzulli (1994) cita a criatividade como diferenciador entre os tipos básicos de altas habilidades: a “superdotação acadêmica” e a “superdotação produtiva-criativa”. Esta afirmação não quer dizer que um tipo tenha criatividade e o outro não, mas que ela existe em diferentes graus.

Os alunos portadores de altas habilidades do tipo acadêmico também apresentam elevado grau de criatividade, uma vez que, neles, este grupamento de habilidades está a serviço do desempenho acadêmico e sua adaptação ao ritmo da sala de aula será melhor.

Já o aluno, portador de altas habilidades do tipo criativo-produtivo, coloca suas habilidades a serviço da criatividade, trabalhando nos problemas e áreas de estudo que têm importância e relevância pessoal para ele. Este último tem sérias dificuldades de adaptação à sala de aula e é de difícil avaliação, pois, quando feita nos padrões tradicionais de ensino, não consegue perceber aptidões que atendam às expectativas da escola. Difícilmente são identificados como portadores de altas habilidades, posto que seus interesses não são contemplados pelos currículos do ensino regular e a tendência à dispersão, à falta de rendimento, ao desempenho abaixo da média, em determinadas disciplinas, e a falta de elementos que permitam uma avaliação de suas habilidades, fazem com que sejam encaminhados para serviços de orientação educacional, sendo rotulados como alunos dispersivos, com dificuldades de aprendizagem, hiperativos, com déficit de atenção ou desvio de comportamentos.

Alencar (1992, p. 45) aponta barreiras emocionais e culturais que impedem o desenvolvimento da criatividade na escola e na sociedade.

Dentre as barreiras emocionais, que dificultam o aproveitamento de nossas possibilidades, salientam-se a apatia, a insegurança, o medo de parecer ridículo, o medo

do fracasso, os sentimentos de inferioridade, bem como um autoconceito negativo.

Como barreiras culturais, podem ser citadas: a atitude negativa, quanto ao arriscar-se; as pressões sociais com relação ao indivíduo que diverge da norma; o medo ao fracasso; a aceitação pelo grupo; as expectativas em relação aos papéis sexuais, que determinam papéis diferenciados para homens e mulheres; a consideração da fantasia e da reflexão como perda de tempo; a ênfase na razão e na lógica; o resguardo da curiosidade; a preferência pela tradição à mudança.

As práticas pedagógicas, adotadas nas escolas, deveriam desenvolver e fomentar a criatividade, como fio condutor e integrador das diferentes disciplinas, favorecendo a motivação e o desafio, promovendo a flexibilidade e o pensamento crítico, o intercâmbio de experiências bem sucedidas e a cooperação para a superação das experiências mal sucedidas.

A Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1999) traz uma grande contribuição, no sentido de busca de alternativas que possam incluir conhecimentos, antes considerados de menor valor, nas intervenções pedagógicas, e que, certamente, enriquecerá o currículo escolar que poderá, contemplando as diferentes inteligências, transformar-se num instrumento para a construção de um saber global.

Conforme Gardner (1999, p. 42):

o domínio do bom, do belo e do verdadeiro permita fazer a escolha correta entre: extensão x profundidade, acumulação x construção do conhecimento, resultados utilitários x crescimento intelectual por si mesmo, educação uniforme x educação individualizada, educação por muitas entidades privadas x educação como responsabilidade pública, uma educação que ignora ou amalgama disciplinas x uma educação que sublinha o domínio disciplinar, uma educação que minimiza ou critica a avaliação x uma educação que se fundamenta na avaliação e qualificação, padrões relativos x elevados padrões universais, uma educação que é uma vitrine ideológica x uma educação que ressalta a dimensão humana.

É importante que se desmistifique a idéia de que a criatividade é um dom, privilégio de poucos, e salientar o importante papel do professor no processo de crescimento do aluno e de desenvolvimento de suas habilidades criativas. Deve-se destacar o processo de avaliação que, na sua maioria, está baseada na padronização e uniformização, que, além de não permitir a análise da verdadeira aprendizagem dos alunos, estimula uma competição insalubre, desfavorece a motivação, recompensa a memorização e a quantidade em lugar da qualidade.

#### **2.1.4 O desperdício de talentos no país**

No momento em que há a preocupação de caracterizar o indivíduo, portador de altas habilidades, imediatamente vem à tona o aspecto de realização, levando ao questionamento se essa condição

garante competência escolar e profissional a este indivíduo. Depara-se, assim, com critérios culturais do que seja o sucesso, se produtividade é sinônimo de bem-sucedido financeiramente, socialmente, ou outro conceito qualquer, que referendam as expectativas e ideais do grupo em que ele está inserido.

A relação entre inteligência e realização não é direta. Entre os talentosos, há diferenças sensíveis nos níveis de realização individuais. Na realidade, como qualquer pessoa, o portador de altas habilidades tem que se empenhar para atingir seus objetivos. O diferente é que, por se tratar de um portador de altas habilidades e por ter metas mais difíceis de serem alcançadas, por serem incomuns em qualidade ou para aquela idade ou meio social, seu empenho, entusiasmo, argumentação e perseverança têm que ser intensificados, para concretizar seus objetivos.

Vários fatores específicos influenciam o índice de produtividade do indivíduo, portador de altas habilidades, enumerando-se entre eles: a predominância, nas organizações, de relações, marcadas por desconfiança e competição; normas rígidas e contraditórias; um sistema de comunicação deficitário; o autoritarismo; a intransigência e a falta de espaço para uma mente criativa e inovadora.

Estes são alguns dos aspectos que influenciam na produtividade do portador de altas habilidades, tanto em instituições educacionais, como profissionais e sociais. Estes aspectos negativos devem ceder

lugar para o incentivo e valorização do potencial criativo, em um clima de abertura, de confiança e de estímulo à exploração de novas áreas, sem o medo de possíveis fracassos.

Faz-se necessário, segundo Alencar (2000, p.103), que:

as sementes da criatividade, que estão presentes em cada um, sejam permanentemente regadas e cultivadas através de um ambiente de trabalho rico em estímulo e desafios, onde haja reconhecimento do potencial e competência de cada indivíduo e onde as relações interpessoais sejam marcadas pela tolerância às divergências, harmonia, respeito e confiança.

Na prática, o que acontece é que aquela criança que tinha um desempenho acima da média, motivação e interesse numa determinada área, e grande criatividade para resolver as situações, transforma-se em um adulto que esconde seu potencial para ser aceito por seu grupo de amigos e colegas. Segundo Winner (1998), apenas uns poucos conseguem romper um domínio e recomendá-lo de tal forma que possa ser aproveitado pela sociedade em que vivem.

A atuação profissional do portador de altas habilidades depende, em grande parte, do reconhecimento e valorização de sua área de interesse, bem como das oportunidades, oferecidas pelo ambiente de trabalho, que favoreçam sua autoconfiança e auto-estima positiva. Tudo isso, para sentir-se útil, confiante em seu potencial e capaz de realizações criativas em sua área de trabalho.

Na história da evolução, como espécie humana, encontram-se registros, desde a era do fogo até hoje, a era da evolução genética, em que seres humanos talentosos e criativos foram, muitas vezes, discriminados pela sociedade, mas não se deixaram abater por preconceitos e insistiram em seus ideais. Não é possível mais se dar ao luxo de desperdiçar talentos, no Brasil, pois são eles que podem dar contribuições excepcionais nas áreas do saber e do fazer. São eles que, através de sua criatividade, podem sugerir alternativas diferenciadas, para a solução dos problemas nacionais, buscando o bem comum.

#### **2.1.5 A relação entre o portador de altas habilidades e sua família**

A família é a célula-mãe da sociedade e, como tal, é responsável pelo macro-aproveitamento dos indivíduos. É o primeiro grupo social que a criança participa. É dentro de casa que o portador de altas habilidades precisa encontrar espaço, para conhecer e desenvolver todo o seu potencial intelectual e afetivo, de modo a acreditar em si e poder compartilhar seus talentos com o coletivo.

Assim como qualquer outra criança ou adolescente, o portador de altas habilidades precisa de carinho, compreensão e estímulo. A falsa imagem que, por vezes, os pais de tais filhos criam, provém dos mitos que a sociedade tem em relação aos mesmos. O caminho para estas famílias é procurar informar-se sobre suas características específicas,

assim como resguardar as diferenças que todas as pessoas têm, tendo o mesmo comportamento com os outros membros da família.

Faz-se necessário que a família: compreenda as repercussões destas questões na sua dinâmica familiar; identifique as possíveis disfunções existentes nas interações entre seus membros, que podem desencadear e/ou acentuar dificuldades emocionais e sociais; reconheça o ambiente familiar, como uma espécie de laboratório de experiências humanas, que irá influir, de forma decisiva, na construção da identidade do sujeito.

Respostas honestas e sinceras devem ser dadas às perguntas feitas por todos os filhos, não apenas aos filhos portadores de altas habilidades. É importante que a família explique a estes o porquê de se sentirem diferentes de outras crianças ou adolescentes da mesma idade. Salientar que este sentimento é devido ao fato de aprenderem um pouco mais rápido ou de forma diferenciada de seus colegas, em algumas disciplinas ou atividades, mas não em todas, não significando que um seja melhor do que o outro.

Saber que podem contar com seus pais, que eles os compreendem e que podem falar abertamente sobre suas dificuldades ou anseios, permitirá que o portador de altas habilidades desenvolva um bom autoconceito e uma boa auto-estima. Um dos aspectos mais evidente é a defasagem entre os processos de maturação intelectual, social e afetiva, o que dificulta a compreensão de alguns comportamentos dos



portadores de altas habilidades. Ora aparentam um saber que vai além do esperado para sua idade, ora demonstram infantilidade, causando ansiedade e apreensão naqueles com que se relacionam. A família deve estabelecer uma relação de amor, respeito e solidariedade, para que possa atingir este indivíduo, tornando-se aliada, cúmplice e acolhedora.

Como a família é o primeiro grupo social de que a criança vai fazer parte, e como todo o ser humano necessita do outro para formar sua auto-imagem e tornar-se sujeito de sua história, a responsabilidade primeira de educar é da família. Assim, o processo educacional não é só tarefa do professor, pois se inicia bem antes da idade escolar, junto à família, a qual exerce um importante papel no desenvolvimento da personalidade de seu filho. Desde os primeiros meses de vida da criança, vislumbram-se níveis de percepção do mundo externo. É preciso estimular esta criança a explorar o mundo externo, por isso a família deve demonstrar confiança e afeto para as mínimas reações espontâneas ou condicionadas. Ao satisfazer suas necessidades básicas de alimentação, higiene e segurança, com adequação, a família está contribuindo para a formação de uma personalidade criativa de seu/sua filho/a. Se, ao contrário, restringir o esforço e a ação, limitará também a criatividade de qualquer de seus/suas filhos/as, portador de alta habilidade ou não.

Segundo Miragem (2000, p.126-127), há variáveis no contexto familiar, através da manipulação por parte dos pais, que facilitam a

manifestação da criatividade em seus filhos, tais como:

1. Um relacionamento não possessivo pais-criança, em que a independência da criança e a sua autoconfiança são aspectos cultivados;
2. Uma atitude mais permissiva, que também favorece a independência, aliada a uma estimulação dos interesses e do entusiasmo pela vida;
3. A criação de condições que permitam à criança ter uma abertura às próprias experiências e explore seu mundo interior, com os seus anseios, alegrias e temores; e
4. O grau de rigidez ou flexibilidade dos pais em suas reações diante do desejo da criança de se engajar em atividades exploratórias.

Fatores, como a abertura às experiências, estímulo aos pensamentos divergentes para tomadas de decisões, estimulam o desenvolvimento de uma personalidade criativa. Já a hostilidade, a rejeição, a crítica e o autoritarismo são fatores negativos à criatividade, já que não favorecem o desenvolvimento de traços indispensáveis para que a criança faça um uso maior de sua capacidade de criar, como um autoconceito positivo.

A escola e a família exercem uma influência fundamental, tanto no desenvolvimento da inteligência, como da criatividade. A maneira como o indivíduo se percebe, como é capaz de criar, ou pelo contrário, como incompetente e incapaz, as suas crenças e sentimentos a respeito de si mesmo e de suas capacidades são formadas durante os primeiros anos de vida, sofrendo uma primeira influência de seus primeiros agentes socializadores, pais e professores.

A escola, que divide com os pais a responsabilidade do desenvolvimento de seus filhos, não está suficientemente preparada para suprir as necessidades desta clientela. Por esse motivo, a família deve atender às demandas destes indivíduos, atendendo à abrangência de seu potencial e complementando o que a escola não está em condições de fazer.

Muitas vezes, o portador de altas habilidades pode sentir-se não aceito pelo grupo, em função de ter um potencial maior do que a média de seus colegas. Ocorre, então, ele não demonstrar sua capacidade, tirando notas baixas, propositadamente, na escola, ou esconder suas habilidades, para não perder o prestígio e a amizade das outras crianças, tentando igualar-se aos seus pares. Para que ele possa mostrar-se como é, sem precisar esconder nada, tendo a certeza de ser bem aceito, é necessário o apoio dos pais ou responsáveis. Assim sendo, deve construir, na família, laços de respeito e aceitação da diversidade humana.

### **2.1.6 O jeito de ser do portador de altas habilidades**

A inteligência privilegiada do portador de altas habilidades ajuda na compreensão de problemas e situações, ao mesmo tempo em que a falta de orientação para o aproveitamento destas habilidades pode atrapalhar o seu desenvolvimento e criar barreiras para sua inserção social. Conseqüentemente, tornam-se adultos que

desperdiçam potencial intelectual, por dificuldades de se relacionarem com o mundo exterior. Dificuldades essas que, por não apresentarem um perfil homogêneo, tem provocado, entre os estudiosos do tema, vários levantamentos sobre traços característicos destes indivíduos. Estes traços variam de acordo com o contexto sociocultural, com a etapa de desenvolvimento e também de indivíduo para indivíduo.

Segundo o Manual de Orientação para Pais e Professores, da ABSD/RS (2000, p.16), alguns traços dos aspectos comportamentais e sociais podem ser observados, tais como:

- Muita curiosidade;
- Senso crítico exacerbado;
- Senso de humor desenvolvido;
- Sensibilidade;
- Investimento nas atividades de sua área de interesse e descuido com as demais;
- Comportamento cooperativo;
- Habilidade com o trato com as pessoas;
- Liderança;
- Capacidade de analisar e propor soluções para problemas sociais;
- Aborrecimento com a rotina; e
- Conduta irrequieta.

As dificuldades que o portador de altas habilidades enfrenta, quanto à inadequação social, podem ser amenizadas, através da desmitificação sobre o assunto, da ajuda de pessoal especializado, da cooperação da família e com programas escolares que ajudem-no a desenvolver suas habilidades.

Todos devem desmitificar idéias errôneas, a saber: o portador de altas habilidades não pode errar; que sempre deve dar idéias originais onde estiver; que é o melhor aluno da turma; que o potencial superior só ocorre em famílias de classe alta; que sua origem é exclusivamente genética; que são pessoas egoístas e solitárias; que são “metidos”, “exibidos”, “sabichões”; que são fisicamente frágeis, socialmente acanhados, que têm interesses estreitos; e muitos outros mitos, que são perpetuados pelo tempo.

Todas estas situações levam a um estado de fadiga, frustração e sofrimento. Em função disto, muitas vezes o portador de altas habilidades/talentoso esconde suas potencialidades, assim não correndo o risco de ser rotulado como muito diferente de seus pares, com interesses e necessidades também diferenciadas. Um ambiente que respeite as diferenças fará com que ele possa conviver bem com as suas, levando o grupo a desenvolver também algumas habilidades. Este é um dos caminhos para que se possa entender melhor estes indivíduos e não desperdiçar seus talentos, que podem oferecer contribuições enormes para a sociedade.

Durante séculos, criou-se mitos, envolvendo a caracterização do portador de altas habilidades alguns como um “super-homem”, auto-suficiente, e esquecem, conforme Pérez (2003, p. 55) que ele é:

[...] primeiro criança, depois, adolescente e, por fim, adulto, e que este processo de desenvolvimento deve ser balizado e apoiado por seus cuidadores. Partindo do

pressuposto de que ninguém nasce sabendo, há de se compreender que, embora aprenda mais rápido ou diferentemente a seus pares, a criança com AHs terá que aprender, como as demais e, assim, precisa da família, da escola e da sociedade para assimilar hábitos [...], competências e saberes e fazeres necessários para ser um cidadão.

As interações, na família, na vizinhança, na escola, nas atividades sociais, devem ser estimuladas, para que o portador de altas habilidades possa aceitar-se, reconhecer suas habilidades, potencialidades e limitações e, acima de tudo, respeitar-se e respeitar os outros.

Os grupos, os companheiros, os parceiros para os vários papéis que são experimentados nas diferentes fases da vida, são importantes para qualquer pessoa, inclusive para o portador de altas habilidades. É através desta inter-relação que as pessoas aprendem a conhecer-se e aos outros. Muitas vezes, este procura relacionar-se com grupos de pessoas mais velhas, pois, com elas, encontram equilíbrio nos interesses e no desempenho de atividades. A consequência é o desnivelamento, nos aspectos emocionais e sociais, e o distanciamento das outras pessoas que, por vezes, resulta na dificuldade de adaptar-se ao grupo e de ser aceito pelo mesmo. O medo de não ser aceito, de ficar só, especialmente na adolescência, torna-o ansioso e o leva a desenvolver comportamentos que, aparentemente, revelam onipotência e o desejo de envolver-se em atividades individuais.

A ausência de um ambiente que lhe encoraje, que lhe dê apoio e incentivo pode resultar em um alto nível de frustração, levando à baixa auto-estima e à compreensão de que não deve investir em seus interesses, ou, ainda, que utilize de suas habilidades em “caminhos errados”.

De acordo com o Manual de Orientação para Pais e Professores, ABSD-RS (2000, p.19), “a tendência é de que desenvolva comportamento de eterna busca, em que vão se cristalizando sentimentos de insatisfação e de descrédito da própria capacidade”. Organizar ambientes em que os portadores de altas habilidades possam conviver com seus pares e demonstrar seus sentimentos, vontades, interesses e necessidades, é o caminho para que possam tornar-se pessoas aceitas socialmente e que possam contribuir, positivamente, com a coletividade. Nas relações interpessoais entre portadores de altas habilidades e seu grupo social, os dois lados saem ganhando.

### **3.1.7 A difícil tarefa de identificar manifestações de altas habilidades**

Atualmente, um dos maiores desafios da Educação é se preparar e prover, com maneiras eficientes e precisas, para reconhecer e identificar crianças que apresentam um sinal de potencial e capacidade superior. Uma das tarefas da Educação Especial deve ser a de

visualizar maneiras de reconhecimento de alta habilidade, estruturada dentro de princípios gerais, em um processo contínuo e flexível, envolvendo vários estágios e diversas estratégias. Lembra-se sempre que este processo deve abranger toda a população de educandos e não somente parte dela.

A identificação não envolve somente a questão de ser ou não ser portador de altas habilidades, mas, ao contrário, envolve as mais diversas maneiras na procura dos mais diversos talentos, através dos mais diversos sinais. Tudo isso, porque este não é um processo fácil, tendo em vista que estes educandos não possuem um perfil único que possa defini-los.

Segundo Winner (1998, p. 13):

as pessoas com altas habilidades/superdotadas não são apenas mais rápidas que as demais, são também autônomas porque fazem descobertas sozinhas; são criativas porque inventam novas formas de ver e de entender os fenômenos; são motivadas porque têm um grande anseio de dominar a área na qual demonstra interesse, ao ponto de se tornarem diferentes das outras crianças. Estruturam seu pensamento de forma autorreguladora, monitorando e usando estratégias próprias enquanto trabalham na tarefa que desperta seu interesse. Seu conhecimento é altamente interconectado e a informação nova é rapidamente ligada de várias formas ao conhecimento anterior.

A identificação deve combinar várias técnicas, como: observação dos indicadores, da história de vida, das manifestações das



potencialidades, dos interesses, das etapas de desenvolvimento, do desempenho acadêmico, valorizando sempre os aspectos qualitativos aos quantitativos. Faz-se necessário destacar a diversidade cultural do País, pois, o que é considerado um talento em uma comunidade, pode não sê-lo em outra.

A observação dos indicativos, como intensidade, frequência e consistência em que ocorrem os comportamentos, não podem deixar dúvidas e nem se restringir a um período limitado de manifestação. Assim, deve se ter claro que a inteligência não se desenvolve linearmente, mas que há períodos que ela se manifesta mais acentuada do que em outros.

Atualmente, os testes padronizados de inteligência, como os de QI, vêm sofrendo críticas, pois mostram-se limitados para a detecção de algumas áreas de inteligência e desconsideram importantes comportamentos inteligentes, como a liderança, comunicação, solução de problemas do cotidiano, além dos fatores emocionais.

A avaliação de comportamentos que indiquem uma alta habilidade deve ter diferentes instrumentos e diferentes olhares, pois a utilização de apenas um instrumento de avaliação poderá inibir a observação de todos os desempenhos possíveis, sendo que estes deverão ser observados em diferentes ambientes e momentos.

Autores como Renzulli (1994), Guenther (2000) e Virgolin

(2002) sugerem alguns instrumentos que poderão ser utilizados: ficha de observação, questionário de sondagem, inventários de interesses e características, fichas de habilidades, entre outros. É de fundamental importância a participação do professor, da família, da equipe técnica e do próprio aluno neste processo. Não se pode retirar este indivíduo do meio em que vive para ser avaliado, pois o contexto sócio-econômico-cultural é uma das variáveis mais importantes de todo o processo de identificação. Todos são aquilo que lhes ensinaram a ser.

Segundo Mettrau (1997, p. 77):

É fundamental, também a avaliação e indicação de professores, pais e companheiros, além de outros profissionais ou especialistas que utilizarão procedimentos e técnicas diversas (questionários, fichas sínteses, inventários de interesse), adequadas às características e ao meio social daquela pessoa.

Portanto, a identificação de altas habilidades é um processo que requer acompanhamento periódico, para a verificação de suas peculiaridades, ao longo de seu desenvolvimento. A observação sistemática do aluno, na sua rotina escolar, nos momentos de aprendizagem, na produção intelectual e no seu relacionamento social, permitem ao pesquisador fazer um comparativo de desempenho de educandos da mesma faixa etária.

A identificação de traços de altas habilidades deve ter, como objetivo, a implantação de um atendimento para este indivíduo, e não

apenas a identificação pela identificação, correndo o risco de que haja rotulação. O objetivo da identificação do portador de altas habilidades deve ser o de favorecer um atendimento, adequado às necessidades educacionais deste indivíduo, uma metodologia e um atendimento escolar diferenciado que venha suprir as expectativas e os interesses do aluno. Esta identificação deve ocorrer o mais cedo possível, para que ocorra o pleno desenvolvimento de suas capacidades e o ajustamento social.

O MEC, através da SEESP, no documento das Diretrizes Gerais (BRASIL, 1995, p.215) para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades, recomenda alguns procedimentos de aplicação de avaliação para a identificação de altas habilidades:

- Avaliação, realizada por professores, especialistas e supervisores;
- Percepção dos resultados escolares superiores aos demais;
- Auto-avaliação;
- Aplicação de testes individuais, coletivos ou combinados;
- Demonstração de habilidades superiores em determinadas áreas;
- Deverão ser utilizadas para seu diagnóstico testes individuais e/ou coletivos que ofereçam garantia de rigor científico e adequabilidade;
- Deverão ser aplicados, por profissionais especificamente preparados, diversos meios e recursos nesse processo.

Pode-se perceber que está longe o atingimento dos requisitos para identificação, sugerida pelo órgão do Governo. O alto custo dos

testes, a falta de instrumentos que avaliem outras habilidades, que não exclusivamente a acadêmica, e a falta de conhecimento, por parte dos profissionais, são impedimentos para que se tenham estatísticas mais consistentes sobre o número de portadores de altas habilidades no Brasil. Combinado às conseqüências dos mitos que envolvem esta população e que criam visões deturpadas sobre os mesmos, eles constituem-se ainda em uma população de difícil identificação.

Segundo Guenther (2000, p.91) é possível observar, hoje, duas linhas direcionais que levam à identificação de altas habilidades:

Uma através de medidas estandardizadas, apoiadas em um critério fixo, ou ponto de demarcação, indicando o limite mínimo de produção que deve ser alcançado, antes que seja reconhecida a existência de talento; outra, ao contrário, desenhando um processo de identificação ao longo de uma dimensão de tempo, baseada na seqüência de acontecimentos naturais do dia-a-dia, orientado pela observação ação, produção e desempenho nas quais as crianças estariam contínua, direta e cuidadosa, nas mais diversas situações de envolvidas.

Acredita-se ser esta segunda linha a mais adequada, em se tratando de alta habilidade, pois, nesta concepção, a procura de talento não se refere a classificar crianças, segundo um padrão preestabelecido, através de pontos de algum teste ou da produção final como resultado, mas averiguar todo o processo de produção e compreensão, seu estilo de ser, perceber e agir de um modo geral.

Outra questão é a de quem deve identificar possíveis manifestações de altas habilidades. Parece que a figura do professor é a mais indicada, pois é ele que passa grande número de horas com seus alunos e em diferentes situações. Assim, é ele que tem, a seu favor, a dimensão de tempo, consideravelmente longa, para que a identificação seja feita e válida. Porém, a observação direta, mesmo sendo feita por um professor que conviva diariamente com o aluno, precisa ser orientada, guiada, organizada e relativamente estruturada, e não simplesmente deixada à determinação de alguma “força mágica”, ou intuitiva, alojada em algum lugar na pessoa do professor ou na relação estabelecida entre ele e seus alunos. É necessário que o professor esteja devidamente preparado e orientado, antes de fazer a indicação de alunos portadores de altas habilidades.

O professor deve receber um preparo especial para a tarefa de reconhecer indicadores de talento. Em primeiro lugar, deve ter entendimento, compreensão, conceituação do que se está procurando, ou seja, uma base de conhecimento sobre talento e capacidade humana e suas manifestações nas interações do dia-a-dia em uma sala de aula. Segundo, uma forma de instrumento que possa direcionar a observação para o portador de altas habilidades, já que, em crianças, não são tão facilmente identificáveis traços de uma habilidade superior.

É também na escola que os alunos encontram-se e convivem com seus grupos de pares, ou seja, uma parcela significativa da população,

nas mesmas condições de convivência diária e sujeitas aos mesmos parâmetros de desempenho, propiciando um critério de comparação, perfeitamente defensável, baseado na convivência e intimidade, cultivado pelo professor e seus alunos.

Segundo Guenther (2000, p.95), o instrumento de identificação, utilizado pelo professor, deve ter algumas qualidades, como:

- Ser facilmente introduzido e utilizado de forma integrada ao trabalho regular de sala de aula e do ambiente escolar;
- Incorporar situações variadas;
- Incluir, porém ultrapassar, situações de desempenho e produção escolar;
- Ser manejado por um professor bem situado dentro da experiência escolar;
- Aplicar-se a toda a população escolar;
- Ser manejável, prático, de compreensão e utilização simples.

É preciso, efetivamente, colocar em prática a identificação desta parcela da comunidade escolar, que, por tão longo tempo, permaneceu, e ainda permanece, na sua grande maioria, à margem do sistema educacional do País. A escola prefere iludir-se de que todos os educandos de seu sistema educacional aprendem, pensam e agem de forma uniforme, e, desse modo, massifica, abafando talentos e desconsiderando necessidades educacionais diferenciadas. Na verdade, a escola não sabe como agir com alunos que demonstram necessidade de inovação em seu modo de aprender, que precisam ser desafiados e instigados a desenvolver todo seu potencial. Assim, a

escola apresenta-se acuada frente à perspectiva de mudança, pois corre o risco de ter que reconhecer que está errada.

### **3.2 Uma Sociedade de Leis e Direitos**

É possível hoje dizer que se tem, no Brasil, uma legislação que busca proteger a criança e o adolescente, no que se refere a penas por criminalidade – o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90 (BRASIL, 1990).

Também é verdade que cada vez mais crianças e jovens são recrutados, para fazerem parte de quadrilhas que vêm, como relativa impunidade, o fato do ECA prever, no máximo, três anos de reclusão para menores infratores. Outros motivos que influenciam na preferência dos criminosos por “empregados” infantis são uma suposta impulsividade, característica da idade, e o fascínio que a carreira criminosa exerce sobre os jovens. “O crime seduz porque promete mais dinheiro, mais respeito, mais força dentro da comunidade em que o contexto familiar se tornou muito vulnerável”, afirma o geógrafo Silva (2004, p. 29).

Constam, no ECA (BRASIL, 1990), as medidas que poderão ser tomadas, desde que seja verificada a prática de ato infracional, contempladas no Capítulo IV, Seção I, Art. 112:

I – Advertência;

- II – Obrigação de reparar o dano;
- III – prestação de serviços à comunidade;
- IV – Liberdade assistida;
- V – inserção em regime de semi-liberdade;
- VI – Internação em estabelecimento educacional; e
- VII – Qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI.

Estas medidas devem levar em conta a capacidade do adolescente em poder cumpri-las, as circunstância em que foi praticado o ato infracional e ainda a gravidade da infração.

O ECA é um dos mecanismos legais que garante direitos, proteção e, acima de tudo, leva em consideração as circunstâncias em que ocorreram o ato infracional e a fase de desenvolvimento em que se encontra o menor infrator no ato da infração. Busca diferenciar as penas por infração, levando em conta a situação peculiar de um jovem adolescente em desenvolvimento e de um adulto infrator, assim como a idéia de que somente as crianças e adolescentes, de classe social menos favorecida, estariam sujeitas às penalidades previstas em lei.

Segundo Saraiva (2003, p. 61):

O ECA se assenta no princípio de que todas as crianças e adolescentes, sem distinção, desfrutam dos mesmos direitos e sujeitam-se a obrigações compatíveis com a peculiar condição de desenvolvimento que desfrutam, rompendo, definitivamente com a idéia até então vigente de que os Juizados de Menores seriam uma justiça para os pobres, na medida em que na doutrina da situação irregular se constatava que para os bens-nascidos, a legislação baseada naquele primado lhes era absolutamente indiferente.



Quando se fala em garantias, estas se referem aos três grandes sistemas harmônicos entre si, em que o ECA se estrutura:

- o Sistema Primário, que diz respeito às Políticas Públicas de atendimento à criança e ao adolescente;
- o Sistema Secundário, que trata das medidas de proteção, ligadas a crianças e adolescentes, em situação de risco pessoal ou social;
- o Sistema Terciário, que trata das medidas socioeducativas.

O principal objetivo da aplicação da medida de internação, não deixando de mencionar o seu caráter punitivo e de responsabilização, é a inclusão do adolescente infrator novamente na sociedade, através da reeducação e do resgate de sua auto-estima, tornando-o sujeito de direito e, de fato, responsável pelos seus atos.

Sabe-se que a Educação é um dos mecanismos que forma o sujeito de direito e de fato, mas que mecanismos, como uma política pública eficaz e aplicável, é tão importante e necessária como a Educação, para que se tenha sucesso no objetivo de inclusão social de qualquer pessoa, independentemente da situação em que se encontre.

Para exemplificar que uma política pública tem significativa importância, para a inclusão de menores infratores na sociedade, cita-se a escola que funciona dentro da CASE – Centro de Atendimento Sócio-Educativo – que segue as determinações da direção desta

instituição, ou seja, é a instituição que traça planos de ações e a escola é que os coloca em prática, seguindo orientação da direção.

A escola funciona em um regime diferenciado e necessita de uma infra-estrutura especial, não para criar estigmas, mas para atender às peculiaridades dos adolescentes que ali são atendidos, bem como para atender às imposições que o sistema judicial impõem, já que é uma escola de passagem. Por ter a característica de passagem, a escola deve organizar-se de maneira a atender às necessidades de seus usuários, levando em conta a diversidade de seus alunos, com o cuidado de não fortalecer atitudes negativas, mas, principalmente, não estar fortalecendo preconceitos.

Segundo Volpi (1998, p.26):

A complexidade do processo de desenvolvimento na adolescência exige uma atenção especial de todos que queiram estabelecer um estudo profundo e sem preconceitos. Quando se trata de adolescentes envolvidos na prática de atos infracionais, esta atenção deve ser redobrada sob o risco de se colaborar para um tratamento desumano e para a reprodução de visões e conceitos estereotipados e distorcidos.

Por isso, tem que se ter o cuidado de ter uma filosofia, bem definida, e que possa ser colocada em prática, pois o que se vê, muitas vezes, é que o discurso não condiz com a prática, e aquilo que é colocado, no papel, é muito mais o que as pessoas querem ler ou ouvir, mas que não necessariamente seja a necessidade das pessoas,

envolvidas diretamente neste processo de inclusão e recuperação de menores infratores. Os envolvidos com a tarefa de reintegrar menores infratores, na sociedade, seja instituição, escola, governo, têm é que ter clareza nos objetivos propostos, para que a inclusão ocorra de fato, assegurando que vão ser colocados em prática e que condizem com a realidade e com as necessidades reais destes menores.

Dentro deste universo de privação de liberdade, o CASE do Município de Santo Ângelo-RS atende, atualmente, 49 adolescentes, na faixa etária entre 12 e 21 anos, através de setenta profissionais, mantidos pela FASE, e 12 Professores da Rede Estadual de Ensino, além de Diretora, Supervisora e Coordenadora. Todos estes profissionais têm a incumbência de garantir um dos direitos mais sagrados de qualquer pessoa – o direito de receber, em seu processo de desenvolvimento, educação de qualidade.

Considerando a idade dos alunos, reclusos no CASE, e que recebem educação na escola que ali funciona, deve-se ter claro o que se considera adolescência, ou seja, um processo caracterizado por conflitos internos que exigem do aluno a elaboração e ressignificação de sua identidade, imagem corporal, relação com a família e com a sociedade. Portanto, um período da vida, rico em experiências estruturantes da identidade do ser humano, vivido por todos, inclusive por portadores de altas habilidades, que, por possuírem um modo bastante peculiar de ser, nesta fase de sua vida, podem encontrar muitas dificuldades, principalmente de relacionamento.

É neste período que o consumismo, associado a valores sociais de um sistema capitalista, que valoriza a competitividade e a busca do reconhecimento social, pode acelerar o processo de exclusão social dos adolescentes. A rebeldia é um dos marcos desta fase, em que a busca de uma identidade própria é marcada pela imaturidade, tornando esta luta de grande sofrimento pessoal. Este conjunto de características é que devem ser levadas em conta, quando se procura tratar com adolescentes que transgridem a lei.

Como medida sócio-educativa, compreende-se as duas dimensões – a pedagógica e a terapêutica – em profunda articulação, pois o adolescente deve ser visto de forma integral e não fragmentado. Visto que o cognitivo e o afetivo se inter-relacionam, a medida sócio-educativa deve educar para a vida social, interferir no processo de desenvolvimento dos adolescentes, objetivando melhor compreensão da realidade, levando a uma efetiva inclusão social dos mesmos.

Tendo em vista toda esta ressignificação do sistema penal, os profissionais, que ali atuam, seja na instituição, seja na escola, devem passar por uma profunda e constante reciclagem. Para o sucesso desta nova abordagem penal, deve ser assumido o compromisso de materializar, na prática, o objetivo de luta por uma sociedade inclusiva, que convive com a diversidade sem discriminações. “Considerando o alto grau de complexidade da questão, o conceito sócio-educativo deve ser compreendido com base nos pressupostos da interdisciplinaridade, defendida na perspectiva da integração real entre

as diferentes áreas do saber” (PENSEIS, 2002, p.35). Ainda que a ação sócio-educativa atenda às dimensões pedagógicas e terapêuticas, é necessário ter presentes os cuidados necessários que garantam a segurança do coletivo.

A Educação se constitui em um dos fatores mais eficazes para a inclusão daqueles que se encontram privados de liberdade. Preparar o recluso para o convívio social é uma tarefa imprescindível e, para tanto, deve-se descobrir e valorizar o que este adolescente pode dar de contribuição à sociedade, aumentando assim sua auto-estima, pois ele se sentirá aceito, útil e construtor de uma sociedade melhor.

A presente pesquisa visa, justamente, salientar indicativos de habilidades superiores entre os reclusos no CASE, para que possam ser utilizados como medidas sócio-educativas. Assim como qualquer ser humano, os portadores de altas habilidades necessitam de reconhecimento do grupo ao qual estão inseridos, para que possam desenvolver, ao máximo, suas potencialidades e assim colocá-las a serviço do bem comum. Entre os reclusos do CASE, pesquisar estas potencialidades pode ser o caminho para a reintegração destes menores, na sociedade, pois, no momento em que se sentirem úteis, com uma perspectiva nova de vida, sendo valorizados no que têm para oferecer à sociedade, podem buscar caminhos novos.

O Estado também tem um papel fundamental nesta luta pela inclusão, pois é histórica a falta de acesso aos meios, bens e serviços,

oferecidos a uma parcela da sociedade. É em função deste difícil acesso que esta parcela da população se torna excluída. Qualquer medida sócio-educativa deve também levar este aspecto em consideração e buscar, através de mecanismos oficiais, sanar este acesso, negado a tantos, como a uma Educação de qualidade, Serviços de Saúde, casa, saneamento básico, emprego, lazer, esporte e tantos outros que fazem as pessoas sentirem-se cidadãos.

Uma Educação de qualidade, buscando formar cidadãos críticos, atuantes, participativos – esta é a escola que se quer. Na Escola Herbert de Souza, esta meta é a mesma, respeitando a peculiaridade de seu funcionamento. Os profissionais que ali trabalham têm claro que os menores, ali reclusos, já estão pagando pelo que fizeram de errado e que, na sua maioria, não tiveram a oportunidade de escolher entre o “certo e o errado”. É importante estar ciente de que conceitos como “certo ou errado” são determinados pela cultura de um povo e variam, de acordo com os valores e realidades, vividos por este povo.

Na certa, estes menores reclusos passaram por outras escolas, questionando-se, então: *O que a escola coloca como valores? Que oportunidades a escola oferece para que o aluno desenvolva seu potencial? A escola reconhece e valoriza a diversidade humana?* Estas questões acompanham a presente pesquisa e mais, acompanham a pesquisadora, em nível pessoal, como profissional de Educação.

### **3 METODOLOGIA DA AÇÃO INVESTIGATIVA**

A pesquisa é o caminho para que, a partir de uma situação empírica passar-se para uma situação de cientificismo, na qual as conclusões são sistematizadas e o estudo possa ter validade científica. É de grande importância que seus resultados sejam socializados, para que venha a ter assim uma contribuição social.

Este trabalho valoriza a abordagem qualitativa, porque esta permite elaborar meios e estratégias mais adequadas, para entender e resolver as questões de pesquisa. Ao mesmo tempo, é utilizada uma abordagem quantitativa, para melhor desenvolver a pesquisa, pois foi preciso mensurar alguns dados, para verificar e explicar algumas variáveis, assim como para analisar a frequência de incidências e de correlacionar estatísticas. Fica bem claro que foi utilizada a abordagem quantitativa, apenas como caminho, para chegar a um percentual e relacioná-los com a contextualização dos mesmos. A coleta de dados é analisada, a partir da significação que os sujeitos da pesquisa dão aos seus atos. Isso porque, na abordagem qualitativa, o pesquisador tem, como objetivo, aproximar-se da realidade, a fim de

melhor compreendê-la, porque o estudo qualitativo “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto, flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada, dando ênfase ao estudo de caso” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.18).

A abordagem qualitativa atua na transformação das estruturas sociais, através de sua percepção e da compreensão que estas estruturas são construções humanas cheias de significado. Assim, segundo Chizzotti (1998, p.52): as pesquisas qualitativas “fundamentam-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador descreve, compreende e interpreta.”

Como no estudo de caso, coletam-se e registram-se dados de um caso particular, para que sejam organizados em relatórios e, desta forma, possa ser feita uma análise crítica da realidade e, conseqüentemente, poder propor ações transformadoras, opta-se por utilizar o método de estudo de caso, por parecer mais adequado à pesquisa.

Conforme menciona Gil (1991, p.73), o estudo de caso vem sendo utilizado cada vez mais pelos pesquisadores sociais, visto:

[...] servir a pesquisa com diferentes propósitos tais como:  
a) explorar situações de vida cujos limites não são



claramente definidos; b) descrever situações do contexto em que está sendo feita determinada investigação [...] pode, pois, ser utilizado tanto em pesquisas exploratórias quanto descritivas e explicativas.

Em uma situação pesquisada, o destaque a um determinado estudo de caso significa parte de um todo, sendo, assim, aceitável para embasar uma análise, como também para propor uma ação de intervenção. No caso da pesquisa realizada, foi analisada uma situação particular, dentro de um todo no qual está inserida, com o propósito de deixar alguma contribuição, em nível de intervenção junto aos menores reclusos na instituição.

É importante salientar que o estudo de caso é considerado como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e pode revelar uma realidade, com uma diversidade de fatores que envolvem a mesma. Em detrimento disto, o pesquisador deve ter clara a delimitação do assunto e os objetivos de sua pesquisa, para que não ocorra o fato de ficar divagando nos diferentes aspectos que podem se apresentar no decorrer da mesma.

### **3.1 Área de Abrangência**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Herbert de Souza, que funciona dentro do CASE – Centro de Atendimento Sócio-Educativo – do Município de Santo Ângelo-RS.

Justifica-se a escolha desta escola por:

- estar localizada no município no qual a pesquisadora reside e desenvolve suas funções profissionais;
- no município ser a instituição que atende menores infratores;
- a instituição ter demonstrado interesse na pesquisa e ter se colocado à disposição da pesquisadora.

### **3.2 Participantes**

Foram sujeitos da pesquisa os menores, reclusos no CASE, que, atualmente, são em número de 49. Este número, durante a pesquisa sofreu variações, pois, devido à peculiaridade da escola, que é de passagem, o mesmo se altera constantemente. Porém, este dado não interferiu nos resultados obtidos.

A pesquisa envolveu os 12 professores que atuam na escola, pois o olhar de cada professor sobre os alunos é o determinante para validar a pesquisa. Atualmente, atuam na escola 12 professores, além da equipe diretiva, composta por 3 profissionais.

### **3.3 Instrumentos para Coleta de Dados**

Como instrumentos para coleta de dados, foram utilizados:

- Questionário para Professores (Anexo 1);

- Instrumento de avaliação (Anexo 2);
- Instrumento de estilo de aprendizagem (Anexo 3);
- Instrumento de observação em sala de aula (Anexo 4);
- Entrevista semi-estruturada (Anexo 5).

### **3.4 Etapas desenvolvidas**

A pesquisa iniciou no mês de agosto de 2004, com uma reunião, para esclarecimento sobre a investigação a ser realizada e instrução sobre o preenchimento dos instrumentos de coleta de dados. Os professores mostraram-se bastante receptivos a participar do trabalho, responder ao questionário e preencher os instrumentos específicos, colocando-se à disposição para dar toda e qualquer informação que a pesquisadora solicitar. Deixaram bem claro o interesse em conhecer os resultados da pesquisa, assim como de, a partir dela, auto-avaliarem seu trabalho, frente aos menores, reclusos no CASE, buscando caminhos novos para a inclusão destes na sociedade. A duração da pesquisa foi de cinco meses.

#### **▪ 1ª etapa**

A primeira etapa contou com a participação de 49 alunos, 12 professores e equipe diretiva.

Os instrumentos usados para identificar os alunos com indicativos de altas habilidades foram:

1. Questionário: elaborado pela pesquisadora e respondido pelos professores.

2. Instrumento de observação em sala de aula: validado pela equipe técnica do CEDET – Centro de Desenvolvimento de Talentos, Lavras-MG, cuja responsável técnica é Zenita Cunha Guenther, respondido pelos professores. O número de indicações dos professores foi determinante para a escolha dos alunos com indicativos de altas habilidades. Foi utilizado, como critério, o mínimo de cinco indicações.

3. Instrumento de estilos de aprendizagem: validado, traduzido e adaptado por Ângela Virgolim da Universidade de Brasília/Ucon. Elaborado por Joseph S. Renzulli e Linda Smith; respondido pelos alunos.

4. Instrumentos de avaliação: validado pela Equipe Técnica do NAPPAH/FADERS, elaborados por Joseph Renzulli, Linda Smith, Alan White, Carolyn Callahan e Robert Hartman e traduzidos por Ângela Virgolim; respondido pelos professores.

Os instrumentos de número 1 e 4 foram respondidos, individualmente, pelos professores. O instrumento de número 3 foi respondido pelos alunos, nas suas turmas respectivas, aplicado pela pesquisadora. O instrumento número 2 foi respondido, de forma grupal, pelos professores, tendo, como aplicadora, a pesquisadora. O

instrumento de avaliação número 2, respondido pelos professores, diz respeito somente aos cinco indivíduos selecionados.

Todos os critérios de seleção foram realizados identificando os sujeitos através de números, evitando, desse modo, a exposição dos menores, reclusos no CASE, assim como dos professores que lá trabalham.

Ao final desta etapa, os sujeitos que apresentavam indicativos de altas habilidades haviam sido selecionados, passou-se, então, para a segunda etapa da pesquisa.

▪ **2ª etapa:**

A segunda etapa da pesquisa contou com a aplicação, pela pesquisadora, de uma entrevista semi-estruturada, para aqueles sujeitos, selecionados na primeira etapa, e que apresentavam indicativos de altas habilidades.

A análise e discussão dos resultados, obtidos nas duas etapas da pesquisa, estão contidas no capítulo seguinte.

#### 4 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A partir do universo de 49 alunos, através dos instrumentos já anteriormente mencionados, chegou-se a cinco alunos. Esses alunos destacaram-se por preencher os requisitos desejados de indicadores de altas habilidades e foram identificados por esta pesquisadora como: A1, A2, A3, A4 e A5.

**QUADRO 1 – Caracterização dos sujeitos selecionados**

<b>ANO DE NASCIMENTO</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>IDADE</b>
1987	A1	17
1988	A2	16
1988	A3	16
1988	A4	16
1988	A5	16

Fonte: SOUZA, Maria de Lourdes Lunkes de.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na primeira etapa da pesquisa, foram coletados dados, obtendo-se um número de 5 sujeitos que apresentam indicativos de altas habilidades, em um universo de 49 menores reclusos no CASE do Município de Santo Ângelo-RS. Também foram investigados o estilo de aprendizagem dos menores reclusos e como os professores aproveitam estas habilidades em suas aulas, promovendo, assim, medidas sócio-educativas.

### **5.1 1ª Etapa: Seleção dos Sujeitos com Indicativos de Altas Habilidades**

Os critérios, usados para a seleção dos alunos com indicativos de altas habilidades, foram três: a indicação dos professores, aplicação de instrumento de avaliação e elaboração da ficha de estilo de aprendizagem.

Os sujeitos foram identificados por código numérico, a fim de não expor os menores infratores e os professores.

A seleção foi efetivada somando-se o maior número de critérios, alcançados por eles, por exemplo: aqueles que foram indicados por mais de cinco professores, já que estes trabalham em todas as turmas e conhecem todos os alunos da escola, sendo que eram apontados mais de um aluno e com habilidades diferentes da trabalhada em sua área.

A população inicial de alunos fez um total de 49 sujeitos, dos quais 10,2% apresentaram indicativos de altas habilidades, ou seja 5 alunos.

### **5.1.1 Questionário**

O questionário (Anexo 1) foi respondido pelos professores, individualmente. Nele havia perguntas, referentes ao funcionamento da escola, do entendimento, dos professores, quanto às medidas sócio-educativas e também da existência ou não de indicativos de altas habilidades entre seus alunos.

Todos os professores possuem nível superior, tiveram experiência nas redes Municipal, Estadual e Particular de ensino, tendo sido indicados ou convidados, pela direção da escola, para virem trabalhar nela. A perspectiva destes professores em virem trabalhar com menores infratores deve-se a vários fatores, como: desafio; querer participar da mudança de uma realidade cruel como as destes menores; interesse pelo assunto e curiosidade em comparar realidades diferentes com relação à questão de liberdade. Com o



passar do tempo e da familiaridade com a situação, mais da metade deles conseguiu manter um relacionamento de confiança e de satisfação em atender as necessidades socioculturais e educativas de seus alunos.

Percebe-se, nos professores, uma forte atração pelos delitos, cometidos pelos menores, pois, ao ingressarem na entidade, a questão principal abordada é *“o que você fez para vir parar aqui?”* Informações, como a história de vida deste menor, suas habilidades, seus desejos, sua origem, sua família e perspectiva para o futuro parecem ser tratadas somente pelos setores da instituição, como o de psicologia e social. Ao mesmo tempo, relatam que muitos dos menores denotam grandes habilidades em determinadas áreas, mas que, em função de sua auto-estima ser baixa, não demonstram e não acreditam nas suas potencialidades, precisando de estímulo constante. Relatam a grande dificuldade cognitiva dos menores usuários de drogas.

Os instrumentos de avaliação, utilizados pelos professores para acompanhar o desempenho de seus alunos, são: as atividades de sala de aula, aulas práticas, diálogo e escrita. Estas avaliações se dão através da observação diária, em forma de pareceres descritivos.

Os alunos participam de atividades diferenciadas, através de oficinas de artesanato, gincanas pedagógicas e projetos. Todos os alunos participam das gincanas pedagógicas, mas, para participar das

oficinas e dos projetos, são exigidos alguns pré-requisitos, como: interesse, comportamento, tempo na instituição e habilidade. Os momentos em que os menores expõem seus sentimentos, para os professores, são aqueles em que há diálogo sobre comportamento e valores e nas atividades de socialização. Porém, na sua maioria, estes momentos estão a cargo da equipe técnica, através de palestras e conversas com a psicóloga.

É consenso entre os professores o que são medidas sócio-educativas, ou seja, são medidas que servem para reestruturar os menores infratores, através da educação, para que possam conviver em sociedade. Citam como sendo medidas sócio-educativas: palestras, atividades sociais, projetos, oficinas, cursos e gincanas. E indicam como as que são utilizadas na escola: gincanas, palestras, filmes, regras com limites, debates através de textos literários e sociais, trabalho com artesanato e o resgate de valores. Sugerem para a melhoria do trabalho na instituição que os professores e os alunos tenham acompanhamento psicológico, que seja feito um trabalho com a família e com a comunidade dos menores, durante e após a sua permanência na instituição e que os alunos participem mais de eventos culturais.

A idéia que os professores têm sobre os portadores de altas habilidades é de que são pessoas com uma sabedoria superior, com muita facilidade de compreensão, de solução de dificuldades e de obtenção de resultados, que se desligam dos assuntos que não sejam

de seu interesse. São unânimes em afirmar que, dentro do CASE, não existem alunos com indicativos de altas habilidades, pois os alunos apresentam uma falta de capacidade para adquirir conhecimentos acadêmicos e uma falta de interesse, tudo isto associado à realidade social e à condição econômica dos menores internos.

Através destes dados, percebe-se que os professores, apesar de terem um grau de escolaridade de nível superior, desconhecem o assunto altas habilidades. Uma das causas é que, em seus cursos de formação, não foi abordado este tema. As Universidades, especificamente em seus cursos de licenciatura, não abordam questões como as altas habilidades, questões estas referentes à Educação Especial, pois este sujeito também faz parte deste universo. A escassez de pesquisa na área, a pouca divulgação do assunto, a falta de recursos humanos especializados, a dificuldade de acesso à bibliografia especializada e traduzida, enfim, todos estes fatores dificultam o estudo e a desmitificação destes sujeitos, por parte dos professores.

Levando-se em consideração o modo de ser tão peculiar dos portadores de altas habilidades, que, muitas vezes, despertam nos outros sentimentos de inveja, de rejeição e de impotência, juntamente com a falta de capacitação, por parte dos professores, a idéia de haver, entre os menores infratores, algum que apresente indicativos de altas habilidades é descartada pelos mesmos. Isso porque a atenção, dispensada aos menores, não é direcionada às suas habilidades e sim para o que os mesmos não apresentam.

O conhecimento do que sejam medidas sócio-educativas é facilmente destacada pelos professores. A grande dificuldade diz respeito a como utilizar as potencialidades dos alunos como medidas sócio-educativas. Uma das causas disto ocorrer, é o fato da instituição sofrer com a escassez de recursos financeiros e humanos, além da linha de ação, desenvolvida pela mesma.

O fato dos portadores de altas habilidades necessitarem de apoio e incentivo, para desenvolver suas potencialidades e contribuírem de maneira efetiva para o bem da coletividade, dificulta a visualização deste indivíduo dentro da escola. Os potenciais dos alunos são trabalhados, através de oficinas e projetos desenvolvidos pela escola, entretanto, para participar destas atividades, são exigidos alguns pré-requisitos, já citados anteriormente, tornando estas atividades um prêmio e deixando de exercer a função de estimulador para a identificação destes indivíduos.

Os mitos, em torno deste indivíduo, são claramente percebidos, através da percepção dos professores sobre os alunos. Segundo a fala de alguns professores, portadores de altas habilidades são: “... *pessoas que tem facilidade de assimilar conhecimentos, compreende com rapidez os assuntos desenvolvidos devido ao seu desligamento dos demais assuntos*” (P1); “... *possuem uma sabedoria extraordinária para receberem informações e assimilarem as mesmas.*” (P2); “*possuem sabedoria superior para assimilar conhecimento, adquirindo facilidade na obtenção dos resultados*” (P8); “*são pessoas*

*que são super-inteligentes”* (P10). Os professores também são claros, quando perguntados sobre a existência de portadores de altas habilidades entre os menores reclusos, pois a resposta foi negativa, como se os alunos, ali internos, não pudessem apresentar habilidades superiores.

A inadequação social que, muitas vezes, o portador de altas habilidades enfrenta, pode ser amenizada através da desmitificação sobre o assunto, da ajuda de pessoal especializado, da cooperação da família e com programas escolares que ajudem-no a desenvolver suas habilidades. Os professores, quando escutados, podem e devem contribuir com sugestões que venham a desenvolver qualitativamente a desmitificação destas idéias errôneas em torno deste indivíduo.

### **5.1.2 Indicação pelos professores**

Aos professores foi entregue uma ficha de itens (Anexo 4), para observação e indicação dos alunos que se destacavam, devendo cada docente apontar mais de um educando em cada habilidade. Esta ficha foi respondida, em grupo, pelos professores, em uma reunião na qual a pesquisadora teve o papel de orientadora, no sentido de clarear que tipo de sujeitos se procurava. Nesta ocasião, houve uma pequena palestra sobre os portadores de altas habilidades, na qual foram colocadas a utilidade da pesquisa e qual a contribuição social que ela poderia ter.

**QUADRO 2 – Número de indicações dos professores:**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>Nº DE INDICAÇÕES</b>	<b>PROFESSORES</b>
A1	11	P1; P2; P3; P4;P5; P6; P7; P8; P10; P11; P15
A2	09	P1; P2; P4; P6; P7; P8; P9; P12; P13
A3	08	P2; P3; P4; P5; P6; P7;P8; P9
A4	07	P1; P2; P6; P7; P8; P9; P10
A5	05	P4; P8; P9; P11; P12

Fonte: SOUZA, Maria de Lourdes Lunkes de.

Constatou-se que, dos cinco alunos, indicados pelos professores, quatro apresentam características de habilidades referentes à classificação do grupo produtivo-criativo e apenas um, acadêmico. Estes indicativos foram:

- Habilidade para o desenho (A1);
- Facilidade acadêmica (A2);
- Habilidade musical (A3);
- Liderança (A4);
- Grande habilidade motora-fina (A5).

Quanto aos indivíduos selecionados, com características de habilidades do grupo produtivo-criativo, que se destaca por ser mais questionador, mais imaginativo, mais inventivo e dispersivo, sua situação dentro de uma instituição para menores infratores fica muito difícil.

A grande dificuldade, enfrentada por estes indivíduos, em seguir regras preestabelecidas, assim como de demonstrarem rendimento e interesse apenas pelas tarefas que têm relevância pessoal, dificulta a visualização destas habilidades como algo significativo para sua educação e inclusão na sociedade. No caso do grupo selecionado, o baixo desempenho acadêmico vem a confirmar que, quando a avaliação das aptidões é feita dentro dos padrões tradicionais de ensino, geralmente não consegue perceber aptidões que atendam às expectativas da escola. A característica principal deste aluno é o elevado nível de criatividade, que não pode ser avaliado por instrumentos padronizados. Em função disto, destaca-se a importância de se desenvolver oficinas e projetos onde os menores possam demonstrar e desenvolver o seu potencial.

Já o indivíduo classificado com características acadêmicas, que se destaca nas diferentes disciplinas, e que, entre os menores reclusos, apresentou um rendimento escolar superior ao de seus colegas, isso aconteceu apenas enquanto interno na instituição, pois, na escola que freqüentava, não teve o mesmo destaque. Vale salientar que o mesmo se utilizou de suas internações, na instituição, para terminar seus

estudos. Na ocasião da pesquisa, era sua terceira passagem pelo CASE e estava realizando as provas para finalizar o Ensino Médio. Este grupo é o mais facilmente identificado pela escola, pois as habilidades, exibidas pelos sujeitos, são as mesmas avaliadas nas situações tradicionais de aprendizagem.

Ficou clara a importância do papel dos professores na observação dos seus alunos em sua prática, pois eles têm o ambiente e o tempo favorável para essa tarefa. Infelizmente, o que se percebeu foi a falta de conhecimento e de formação adequada para trabalhar as altas habilidades como medidas sócio-educativas. Devido à peculiaridade da escola, os professores tiveram dificuldade em olhar para as habilidades dos alunos e acreditar que, através delas, pode-se mudar a relação entre professor/aluno/escola/sociedade. A tendência dos professores é indicar alunos bem sucedidos quanto à sua escolarização, esquecendo que a criatividade não passa somente pelas artes, mas também pela capacidade de resolução de problemas, assim como pela capacidade de liderança, mesmo que negativa.

### **5.1.3 Estilos de aprendizagem:**

As fichas, contendo os estilos de aprendizagem (Anexo 3), foram preenchidas pelos 49 alunos, com auxílio da pesquisadora, oportunizando um maior contato com os menores reclusos no CASE. Percebeu-se a grande dificuldade, apresentada pelos menores, em



responder a ficha, dificuldade que, em certos casos, é atribuída ao uso de drogas. Salientam-se os resultados da preferência pelo estilo individual, atrelado às atividades práticas, situação considerada, pela pesquisadora, como parte da realidade vivida por estes menores dentro da instituição, já que são orientados a não criarem vínculo com ninguém e serem pouco proporcionadas atividades em que tenham que trabalhar em grupo.

### **QUADRO 3 – Percentual de estilos de aprendizagem**

<b>ESTILO DE APRENDIZAGEM</b>	<b>Nº DE INDICADORES</b>	<b>PERCENTUAL</b>
Trabalhar em grupo	06	12,25%
Atividades Práticas	21	42,83%
Trabalhar Individualmente	20	40,82%
Nenhum Estilo	01	2,05%
Todos os Estilos	01	2,05%

Fonte: SOUZA, Maria de Lourdes Lunkes de.

A grande dificuldade em entender o que se estava solicitando através da ficha, é atribuída ao uso de drogas, ao nível intelectual dos alunos e ao desinteresse, demonstrado por eles, por qualquer atividade proposta. Esta realidade é bem presente entre os menores, fato que comprova a idéia, pré-concebida pelos professores, de que, entre os menores, não existe indicativos de altas habilidades, pois os mesmos,

segundo a fala de P8 “... devido a falta de capacidade e de conhecimento educativo”.

O estilo de aprendizagem que predominou entre os menores reclusos foram de atividades práticas e individual, fato compreensível, quando se conhece uma instituição para menores infratores, pois, logo que chegam, são recomendados a não formarem grupos e a não se envolverem com os outros internos. São instigados a fazerem por si e deixar os outros de lado.

Em um ambiente com tempo ocioso, o que mais pode ocorrer são idéias pouco produtivas. Se os menores fossem escutados, pedindo para serem ocupados, pedindo para produzirem, talvez assim nosso sistema penal tornar-se-ia mais eficaz.

#### **5.1.4 Instrumento de avaliação**

Cada professor recebeu a avaliação que constava de itens com característica de aprendizagem, de motivação, de criatividade, de liderança, artísticas, musicais, dramáticas, de comunicação e de planejamento (anexo 2). A partir desta ficha, indicavam entre os alunos selecionados os que mais se destacavam nestas áreas.

**QUADRO 4 – Características das habilidades dos alunos**

<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>Nº INDICAÇÕES</b>	<b>PRO-FES-SO-RES</b>
<b>APRENDIZAGEM</b>	<b>A2</b>	10	P3 P4 P5 P6 P7 P8 P9 P10 P11 P12
<b>MOTIVAÇÃO</b>	<b>A5</b>	13	P1 P2 P3 P4 P5 P6 P7 P8 P9 P10 P11 P12 P13
<b>CRIATIVIDADE</b>	<b>A1</b>	13	P1 P2 P3 P4 P5 P6 P7 P8

			P9 P10 P11 P12 P13
<b>LIDERANÇA</b>	<b>A4</b>	08	P5 P6 P7 P8 P9 P10 P11 P12
<b>ARTÍSTICA</b>	<b>A1</b>	12	P1 P2 P3 P4 P6 P7 P8 P9 P10 P11 P12 P13
<b>MUSICAIS</b>	<b>A3</b>	09	P4 P5 P6 P7 P8 P9 P10 P11 P12
<b>DRAMÁTICAS</b>	<b>A3</b>	07	P4 P6 P7 P9 P10

			P11 P12
<b>COMUNICAÇÃO</b>	<b>A1</b>	10	P1 P2 P3 P4 P5 P6 P7 P8 P9 P10
<b>PLANEJAMENTO</b>	<b>A2</b>	12	P1 P2 P3 P4 P5 P6 P7 P8 P9 P10 P11 P12

Fonte: SOUZA, Maria de Lourdes Lunkes de.

Tomando-se os cinco sujeitos indicados, percebe-se que A2 apresenta uma personalidade acadêmica, pois, durante suas passagens pelo CASE, que foram três, concluiu sua escolarização de Ensino Fundamental e Médio. Dentro do universo investigado, foi o que mais se destacou na área de aprendizagem acadêmica, surpreendendo a todos com seu gosto por literatura da história política do país.

A1 destaca-se, em relação aos demais, por apresentar um alto

nível de desenho. Atualmente, está freqüentando um curso de desenho, realizado fora da instituição. Além disso, demonstra grande criatividade nas tarefas que são de seu interesse, usa a arte como forma de expressão de suas idéias e tem grande facilidade de comunicação.

A3 apresenta características musicais e dramáticas, participa do grupo de dança da instituição e, quando tem oportunidade, assiste às aulas de violão, pois, atualmente, não é oferecida esta atividade aos internos.

A4 salientou-se quanto à liderança, deixando claro ser esta negativa, pois o respeito e obediência que os outros lhe demonstram advém dos motivos que o levaram a estar na instituição, além de ter o papel de proteger seu irmão, que também se encontra lá.

A5 é muito crítico com relação às tarefas que realiza, costuma se deter em detalhes para que tudo saia o mais perfeito possível e apresenta grande motivação e envolvimento com tarefas de seu interesse.

A característica de aprendizagem acadêmica, demonstrada por A2, apesar de ser visível e facilmente constatada, não era estimulada a prosseguir. Infelizmente, o aluno só conseguia manifestar esta habilidade, por ocasião de suas passagens pelo CASE. Fora da instituição, não conseguia manter-se freqüentando a escola, pois,

segundo ele próprio, o que mais gostava de fazer, na escola que freqüentava, era jogar bola e não gostava de nenhuma disciplina. Dentro da instituição, destaca-se nas atividades referentes à biografia dos grandes personagens da história. O que mais impressiona e, ao mesmo tempo, deixa vários questionamentos é o papel social que a escola, como um todo, tem que desenvolver e que, através de A2, fica muito claro o quanto difícil é cumprir com esse papel.

As escolas precisam, urgentemente, perceber que seu alunado não é uma massa uniforme, que não existe, em educação, aprendizagens que se dão no mesmo momento e da mesma forma. Os alunos trazem consigo conhecimentos e experiências que a escola não pode desprezar, sem correr o risco de se tornar obsoleta, pois não conseguirá cumprir com sua função social.

Os educadores precisam compreender que a Educação Especial não diz respeito tão somente aos ditos deficientes, mas que também os portadores de altas habilidades precisam dos seus serviços. Cada vez mais estes indivíduos estão se tornando visíveis e clamando por atendimento diferenciado e de qualidade, como deveria ser toda a educação. A Educação tem o dever de atender a todos os sujeitos na sua diversidade, pois isso é o que consta nos textos legais.

Nesse contexto, questiona-se: *O que dizer dos outros quatro selecionados, com indicativos de altas habilidades, com características produtivas-criativas, que usam de modos originais na*

*solução de problemas? Que escola está preparada para avaliar estas aptidões, como sendo tão importantes como os tradicionais padrões de ensino?*

As características das habilidades, referentes à motivação, criatividade, liderança, artística, musicais, dramáticas, de comunicação e de planejamento, além de não serem estimuladas pela escola, não são valorizadas como as disciplinas das áreas da lingüística e da lógico-matemática. Este fato sofre as influências dos testes padronizados de inteligência que são, facilmente, mensuráveis.

Ao estudar as características do pensamento dos portadores de altas habilidades, ambos os aspectos devem ser levados em conta, tanto as características do produtivo-criativo como as do acadêmico, levando-se em conta uma abordagem multidimensional. Detendo-se na ênfase que tem sido a Educação e, conseqüentemente, a da psicometria, arrisca-se a notar apenas, ou uma criatividade brilhante, a incapacidade ou a recusa de perceber aquilo que o consenso comum elegeu como adequado e a desprezar o que pode ser a promessa de uma mente brilhante.

## **5.2 2ª Etapa: Entrevista com os Alunos Selecionados**

Através da análise da entrevista (Anexo 5), realizada com os menores, selecionados na 1ª etapa, pode-se perceber que a faixa etária dos selecionados é de 16 a 17 anos. Os menores vêm de Escolas



Estaduais, salientando que, para surpresa da pesquisadora, com exceção de A3 e de A1, que residiam em outro município, A2, A4 e A5 estudaram na mesma escola antes de ingressarem na instituição.

As disciplinas, citadas como preferidas, na escola de origem, foram: Matemática (A1), Ciências (A4), Português e Religião (A5), não sabia (A3) e nenhuma (A2). As disciplinas, citadas como preferidas na escola do CASE, foram: Espanhol (A1), História e Geografia (A4), Matemática (A3 e A2), Educação Física (A5 e A2) e Ciências (A2).

Quanto ao que mais gostavam de fazer na escola de origem, a Educação Física foi a mais citada (A4, A5, A2), gostava de tudo (A1) e não gostava de nada (A3). O que mais gostam de fazer na escola do CASE é Educação Artística (A4, A1 e A3), Educação Física (A4, A2) e bordado (A5).

Quando foram perguntados sobre suas habilidades, A1 respondeu que tinha alguma técnica em desenhar, A4 salientou que dança e joga bola muito bem, A3, A5 e A2 afirmaram não ter nenhuma habilidade, ao menos que eles soubessem. Gostariam de aproveitar o tempo na instituição para aprender inglês (A1), conhecer mais a realidade (A4), não souberam responder (A3, A5 e A2).

Todos concordam que estudar é importante, mas que participam da escola do CASE por serem obrigados, ou sofrem o castigo de não

poderem sair do quarto, no final de semana, assim como para ajudá-los a sair mais cedo da instituição. As perspectivas, para quando saírem da instituição, são continuar estudando e arrumar um emprego.

Através das entrevistas, pode-se constatar que, com exceção de A1, nenhum outro dos sujeitos selecionados conheciam suas habilidades, o que, para eles, não significava muito, pois, mesmo tendo destaque nas atividades em que suas habilidades eram necessárias, estas não eram vistas como um diferencial entre estes menores. O fato de não conhecerem e não reconhecerem, em si, estas habilidades comprova o quanto o não encorajamento para desenvolvê-las influencia, de forma decisiva, na formação da personalidade dos indivíduos.

A questão se o sujeito tem ou não tem altas habilidades deve ser tratada de forma que o aspecto situacional seja levado em consideração, pois o indivíduo pode tê-las, porém, se não forem bem trabalhadas, tendem a desaparecer, assim como, quando o indivíduo tem um potencial maior e se este for bem trabalhado, há possibilidade de desenvolver um comportamento de altas habilidades. Cabe à escola levar este aspecto em consideração e proporcionar aos seus educandos programas educacionais que contemplem esta parcela da população.

Um dos aspectos que chama a atenção é o fato da procedência dos sujeitos selecionados, pois dois deles vinham de Municípios diferentes e os outros três da mesma escola dentro do Município de

Santo Ângelo. Salienta-se novamente o papel social da escola, mais precisamente a contribuição na formação de personalidades que podem gerar progresso e desenvolvimento para toda a comunidade.

Nesse contexto, depara-se com os indivíduos selecionados que não reconhecem em si as habilidades apontadas e a escola que despreza estas habilidades. Assim sendo, a questão da realização destes indivíduos fica muito complicada, pois a condição de possuírem uma habilidade destacada não é garantia para o seu sucesso. Quando se fala de realização, depara-se com critérios culturais que também devem ser levados em consideração. Segundo a fala de A4 “... *o cara larga do crime é muito ruim né...*” Na verdade, como qualquer pessoa, o portador de altas habilidades tem que se empenhar para atingir seus objetivos. Situação de difícil solução no caso dos menores reclusos, pois, além de não reconhecerem em si as habilidades apontadas, ainda sofrem com a discriminação e o preconceito.

## **6 APRESENTANDO OS ALUNOS COM INDICATIVOS DE ALTAS HABILIDADES**

Os sujeitos selecionados com indicativos de altas habilidades serão apresentados, segundo observação da pesquisadora, que, no período de agosto a novembro, interagiu com os mesmos, em certos momentos na sala de aula, ao responderem aos instrumentos de avaliação, e nas entrevistas.

### **❖ A1:**

Apresenta uma habilidade muito grande em desenhar, principalmente rostos. Seus traços são precisos. É muito crítico consigo mesmo e com o que produz. É curioso, tem imaginação bem acentuada. Demonstra senso de humor diferenciado, pois consegue fazer piada das situações perigosas, vividas dentro da instituição.

Antes de ingressar no CASE, já desenhava, para ganhar algum dinheiro, trabalho este feito nas calças jeans de colegas e amigos. Na família, tem um tio e um primo que trabalham com desenho. Nenhum fez qualquer tipo de curso, referente a desenho.

Atualmente, participa de um curso de desenho, promovido pelo Município no Centro de Cultura, oportunidade que lhe foi dada por apresentar facilidade em desenhar. É acompanhado por dois monitores, para freqüentar as aulas. Por motivo de falta de comportamento e não obediência às regras, constantemente, fica de castigo.

Tem preferência em trabalhar isolado, pois relata que sente-se incomodado, tímido, que treme a mão e fica agoniado quando tem que desenhar na frente de outras pessoas.

❖ **A2:**

Demonstra grande facilidade acadêmica, pois, dentro da instituição, participa da escola e das provas de supletivos que teve oportunidade de realizar, sendo que, em todas, foi aprovado. É a terceira vez que ingressa no CASE e, em todas elas, aproveitou para avançar nos estudos. Tem interesse e facilidade em compreender sobre a história do Brasil. Costuma ler muito sobre o tema, principalmente biografias das personalidades históricas.

❖ **A3:**

Aluno com grande facilidade e interesse para aprender letras de músicas e diferenciar estilos musicais. Participava do projeto de violão e danças, os quais foram cancelados.

Devido ao uso de drogas, tem alguma dificuldade em expressar-

se oralmente. Demonstra nervosismo e ansiedade. Em situações de quebra de rotina, como, por exemplo, no dia que foi solicitado que participasse da entrevista com a pesquisadora, ficou contraído e preocupado em não saber responder e não compreender o que era uma entrevista. A pesquisadora teve que gravar algumas falas e mostrar como é que se dava uma entrevista.

Apresenta facilidade e gosto por representar peças de teatro, o que é dificultado devido ao seu envolvimento com drogas. É uma pessoa cativante, pois é simpático e emotivo. É muito crítico consigo mesmo, não acredita no seu trabalho, assim como duvida quando lhe fazem um elogio.

❖ **A4:**

Possui grande poder de liderança. Todos o respeitam dentro da instituição e suas ordens e determinações são acatadas. Demonstra não ter vontade de sair do mundo das contravenções, pois salienta em sua fala, a dificuldade de “*viver fora do crime*”. Sua liderança caracteriza-se de forma negativa, pois usa dos motivos que o levaram a estar na instituição, como forma de instigar à obediência. Já teve várias passagens pela instituição, atualmente deixa claro que só está lá para defender e proteger seu irmão, pois o mesmo está na instituição pela primeira vez.

❖ **A5:**

Apresenta grande motivação nas tarefas de seu interesse,

envolvendo-se, completamente, com as mesmas. Destaca-se nas atividades que envolvam motricidade fina, principalmente na oficina de bordado. Seu grau de exigência com o resultado final das tarefas é bem elevado. Tem uma autocrítica muito acentuada. É perfeccionista em tudo que faz. Costuma fazer e refazer a mesma tarefa, incansavelmente, até que lhe pareça perfeita. Não reconhece sua habilidade manual como algo de valor ou que possa ser um diferencial em sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao deparar com as considerações finais da proposta de estudo sobre os indicativos de altas habilidades entre os reclusos do CASE do Município de Santo Ângelo-RS, o sentimento que, particularmente, sobressai é o de intranqüilidade, com relação ao tipo de atendimento que é dispensado a estes sujeitos.

Nesse sentido, muitos aspectos podem ser levados em consideração, citando-se, entre outros: o momento político e histórico em que se vive, no qual a escola tem dificuldade em atender as necessidades básicas de seus educandos; os professores que apresentam uma queixa constante, ao expressarem, claramente, a sua insatisfação pela falta de recursos e valorização profissional; os alunos que demonstram pouco interesse e motivação em freqüentar a escola.

Questiona-se, então: *o que se pode dizer de um educando, com um jeito de ser e aprender tão peculiar, como o portador de altas habilidades, inserido neste contexto?* Indo além, indaga-se: *o que a escola, que funciona dentro de uma instituição para menores infratores, pode fazer com relação a estes sujeitos?*



O presente trabalho buscou refletir sobre a situação destes menores infratores, reclusos em uma instituição. A situação não é nada encorajadora, pois, ao mesmo tempo em que os professores conseguem vislumbrar, em seus alunos, potencialidades, estas não são encaradas como algo que estes menores possuam de bom. Fica claro que os professores não acreditam que as habilidades de seus alunos, indicadas por eles próprios, favoreçam para uma reinclusão na sociedade. O fato de serem, na sua maioria, menores, oriundos de uma classe econômica menos favorecida, traz, como consequência, o pouco aproveitamento e estimulação de suas potencialidades, uma vez que, dificilmente, têm a oportunidade para que isto aconteça.

Através dos instrumentos de coleta de dados, é possível detectar um número de cinco sujeitos, entre uma população de 49 indivíduos, que apresentam indicativos de altas habilidades.

Destaca-se a importância do instrumento no qual os professores indicavam as potencialidades de seu alunos, por acreditar que o docente é o facilitador para que os educandos demonstrem suas potencialidades, além de dispor de tempo e oportunidade para conhecer e acompanhar o desenvolvimento das habilidades nos estudantes.

Os indicativos, encontrados entre os menores reclusos no CASE do Município de Santo Ângelo-RS, são os seguintes:

- Grande habilidade para o desenho (A1);

- Facilidade acadêmica (A2);
- Habilidade musical (A3);
- Forte tendência à liderança (A4);
- Grande destreza manual (A5).

Entre os cinco indicados, apenas um (A1) demonstrou ter conhecimento de sua habilidade antes de ingressar na instituição. Os outros não reconhecem ter habilidade alguma, ignoram seu potencial, apesar de estarem desenvolvendo-o dentro da instituição. Salienta-se que estas habilidades, apesar de não serem trabalhadas, ou de não terem sido estimuladas a aparecerem dentro da instituição, podem ser, facilmente, observadas nos sujeitos selecionados. Os próprios professores, quando questionados sobre a existência de portadores de altas habilidades entre os menores infratores, respondem de forma negativa. Ao mesmo tempo em que reconhecem, nos alunos, habilidades, não as consideram como tal, demonstrando pouco conhecimento sobre o assunto. Por se tratar de uma entidade que trabalha com menores infratores, dentro de uma perspectiva sócio-educativa, deveria salientar o que estes sujeitos trazem de positivo e que possa contribuir para o bem social.

Os potenciais dos alunos são trabalhados através de oficinas e projetos que servem como instrumento de avaliação das habilidades dos alunos. Essas atividades são oferecidas, principalmente, para aqueles que tem bom comportamento, algum tempo na instituição e, por último para os que apresentam alguma habilidade, ou seja,

funciona como um prêmio para os bem comportados.

Percebe-se que, entre os menores, quem mais se destaca é aquele que tem maior número de infrações e contravenções. A perspectiva de uma vida, fora da contravenção e do vício, é encarada por eles como muito difícil, já que têm consciência do quanto a sociedade os exclui.

Olhar o mundo com os olhos destes menores é ter que enxergar o quanto a realidade é cruel para alguns; é ter que enxergar o quanto a escola deixa a desejar, quanto à qualidade; é ter que enxergar como se é rígido na questão de mudança de postura e de rompimento de preconceitos.

Vive-se num mundo em que as leis são claras e belas em seus textos, mas que, dificilmente, são colocados em prática. Os textos legais que dizem respeito à Educação estão repletos de conceitos que devem ser colocados em prática, entre eles sobre os portadores de altas habilidades. Acredita-se que a grande dificuldade desta realidade consolidar-se, diz respeito à falta de informação e de formação dos professores. A complexidade do tema em questão está ligada à complexidade do ser humano, em suas diferentes formas de ser, pensar, aprender e compreender o mundo.

Atualmente, vigora, no País, uma das legislações mais severas no que diz respeito aos menores infratores, e, mesmo assim, o índice de criminalidade entre os mesmos só aumenta. Nesse contexto,

reflete-se: *Será que o caminho é a repressão? Será que é preciso tornar as leis mais rígidas e severas? Ou será que deve se investir no desenvolvimento do social, através de uma educação de qualidade, de mais emprego, de um sistema de saúde que funcione, de uma melhor distribuição de renda?*

No que diz respeito aos menores infratores, internos no CASE, tem-se consciência do porquê estão ali, mas também que estes já estão pagando pelos seus atos e que, através das habilidades que apresentam, pode-se chegar às tão sonhadas medidas sócio-educativas. Basta que os professores ouçam o que estes sujeitos, muitas vezes, estão gritando em seus ouvidos, ou escancarando aos seus olhos, e que a instituição, como tal, provenha com os meios para que isto aconteça.

Ao finalizar este trabalho, não poderia deixar de contribuir com sugestões para melhoria qualitativa no atendimento desta parcela da população excluída e tão marginalizada da sociedade. As sugestões dizem respeito aos menores infratores, aos professores, aos familiares, aos sistemas políticos e a sociedade.

Quanto aos menores infratores:

- desenvolver oficinas de bordado, cestaria, desenho, fotografia, bijuteria, teatro, música, dança, cozinha, horta, lavanderia, pintura e tantas outras que possa surgir;
- ativar projetos que desenvolvam as habilidades dos alunos e que tenham significado para os mesmos, levando em conta sua

história de vida e os recursos humanos, disponíveis na comunidade, como projetos de prevenção de doenças, reciclagem, jardinagem, padaria e tantos outros que podem através de parcerias com o SENAC, por exemplo, serem desenvolvidos.

Quanto aos professores:

- curso de capacitação para iniciantes;
- cursos de formação continuada;
- acompanhamento psicológico.

Quanto aos familiares:

- acompanhamento psicológico, durante e após a reclusão dos filhos;
- projetos que envolvam os familiares e os menores, dentro da instituição, para que haja um maior entrosamento e acompanhamento da família com a situação dos filhos.

Quanto aos Sistemas Políticos (Educativo, Judiciário e Legislativo):

- acompanhamento e avaliação constante do que está sendo feito, para que se cumpra com a legislação, assim como prover com os recursos humanos e financeiros, para que a legislação seja colocada em prática;
- que os cargos políticos sejam preenchidos por pessoal capacitado e envolvidos com a questão.

Quanto à sociedade:

- desmistificar, através de campanhas esclarecedoras, o papel da entidade;
- mostrar, através dos projetos e oficinas, o quanto os menores podem ser úteis para a sociedade;
- montar parcerias com entidades governamentais e não-governamentais;
- tomar consciência das ações desenvolvidas na instituição.

Deve-se ter clareza do quanto a sociedade desperdiça de talento no Brasil e que, na história de evolução nacional, muitos foram os indivíduos discriminados, mas que tiveram força para suportar a exclusão que sofreram e que se tornaram grandes vultos históricos.

Um País, com tantos problemas sociais, entre eles a criminalidade entre menores, deveria aproveitar o que seus cidadãos possam contribuir para a solução destes problemas, valorizando o que têm de positivo, buscando soluções criativas e inovadoras.

Promover uma educação que contemple o desenvolvimento de talentos diversos, eliminando o enorme desperdício de potencial humano, torna-se uma necessidade contemporânea.

## BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA SUPERDOTADOS/RS. **Manual de Orientação para Pais e Professores.** Porto Alegre: ABSD/RS, 2000.

ALENCAR, E.M.L.S. **Como desenvolver o potencial criador.** Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **O processo de criatividades:** produção de idéias e técnicas criativas. São Paulo: Makron, 2000.

\_\_\_\_\_. **Criatividade e Educação de Superdotados.** Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei Federal nº 8.069/90.** Brasília, DF:1990.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC/SEESP, 1994.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Diretrizes gerais para o atendimento aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos.** Brasília: MEC/SEESP, 1995.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1998.

DELOU, C. M. C. **Integrar alunos portadores de altas habilidades.**

Por que e para quê? **Integração**, Brasília, v. 7, n. 17, p. 24-26, 1996.

GARDNER, H. **O Verdadeiro, O Belo e o Bom**. Os Princípios Básicos para uma Nova Educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUENTHER, Z.C. **Desenvolvendo capacidades e talentos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em Educação**: abordagem qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

METTRAU, M.B. **Nos bastidores da Inteligência**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

METTRAU, M.B. O desperdício do talento num país em desenvolvimento. In: **Manual de Orientação para Pais e Professores**. Porto Alegre: ABSD/RS, 2000.

MIRAGEM, E. Presente e futuro. Personalidade Criativa. In: **Anais do XIII Seminário Nacional**. Altas Habilidades, Superdotação e Talento: um desafio para o potencial humano. Porto Alegre: ABSD/RS, 2000.

MOREIRA, J.R. Educação. In: **Enciclopédia Delta Larousse**. Rio de Janeiro: Delta, 1964. Vol. IV, p. 2178-2272.

NICOLOSO, C.M.F. Questões norteadoras a uma proposta de atendimento a portadores de altas habilidades: conceituação, currículo e sugestões de uma atividade de enriquecimento. **Cadernos de ensino, pesquisa e extensão**, Santa Maria, n. 51/2002, 2002.

NOVAES, M.H. **O desenvolvimento psicológico do superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.

PÉREZ, S.G.P.B. Mitos e crenças sobre as Pessoas com Altas Habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento.



**Cadernos Educação Especial**, Santa Maria, n. 22, p. 45-59, 2003.

RENZULLI, J. El Concepto de Los Tres Anillos de la Superdotación: Un Modelo de Desarrollo para una Productividad Creativa. In: **Intervención e Investigación Psicoeducativas e alumnos Superdotados**. Salamanca: Amarú Ediciones, 1994.

RIO GRANDE DO SUL. Fundação do Bem-Estar do Menor. Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas de Internação e semi-liberdade (PENSEIS). **Planejamento Estratégico 2000/2002**. Porto Alegre: FEBEM/RS, 2002.

ROSENBERG, R.L. **Psicologia do Superdotado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SARAIVA, J.B.C. **Adolescente e ato infracional: garantias processuais e medidas sócio-educativas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1999.

\_\_\_\_\_. **Adolescente em conflito com a lei: da integridade à proteção integral**. Uma abordagem sobre a responsabilidade penal juvenil. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.

SARAIVA, J.B.C; JUNIOR, R.K.; VOLPI, M. (Org.). **Adolescentes privados de liberdade: a Normativa Nacional e Internacional & reflexões sobre a responsabilidade penal dos adolescentes**. Fonacriad. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, J. S. Em julgamento a maioria penal. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Editora Abril, mar/2004, p. 28-31.

VIEIRA, N. J. W. A inclusão dos alunos portadores de altas habilidades: a busca de novos tempos educativos. **Altas habilidades/superdotação e talentos: manual para orientação para pais e professores**. Porto Alegre: ABSD/RS, 2000.

\_\_\_\_\_. A Escola e a inclusão dos alunos portadores de altas habilidades. **Cadernos Educação Especial**, Santa Maria, n.21, p.7-22, 2003.

VIRGOLIM, A. M. R. **Toc, Toc... Plim, Plim!** Lidando com as emoções, brincando com o pensamento através da criatividade. Campinas: Papirus Editora, 2002.

VOLPI, M. (Org.). **O Adolescente e o Ato Infracional.** São Paulo: Cortez, 1998.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

# **ANEXOS**

## ANEXO 1

### QUESTIONÁRIO

**PREZADO PROFESSOR(A):**

**Ao responder a este questionário, você está colaborando com uma pesquisa que busca identificar a existência de indicadores de Altas Habilidades entre os reclusos do CASE. Sua participação e colaboração são fundamentais para que esta pesquisa tenha êxito e possa, futuramente, auxiliá-lo no seu fazer pedagógico.**

NOME: \_\_\_\_\_

SÉRIE: \_\_\_\_\_

DISCIPLINA: \_\_\_\_\_

GRAU DE INSTRUÇÃO: \_\_\_\_\_

1. Onde trabalhou anteriormente?

---

---

---

2. Como veio trabalhar nesta escola?

---

---

---

3. Que tipo de sentimento você notou no início de suas atividades na escola?

---

---

---

4. Seus sentimentos se modificaram?

---

---

---

5. Quando inicia o trabalho com algum aluno, o que procura saber sobre o mesmo?

---

---

---

6. Em termos de potencialidades, o que você pensa sobre os alunos?

---

---

---

7. Você utiliza algum instrumento para observar ou mesmo testar as potencialidades dos alunos?

---

---

---

8. Como são realizadas as avaliações dos alunos?

---

---

---

9. Os alunos participam de alguma atividade diferenciada?

---

---

---

10. Todos participam ou somente alguns?

---

---

---

11. Como é a indicação para fazer parte destas atividades?

---

---

---

12. Existe algum momento no qual os alunos possam expressar seus sentimentos, vontades, dúvidas, anseios, ou seja, colocar pra fora o que sentem e pensam? (Isso dentro das atividades escolares).

---

---

---

---

13. O que você entende por medidas sócio-educativas?

---

---

---

---

14. A estrutura e o funcionamento da escola permite que se adotem medidas sócio-educativas?

---

---

---

15. Cite algumas medidas sócio-educativas praticadas pelos professores na escola:

---

---

---

---

16. De acordo com a realidade vivida na escola, dê sugestões de medidas sócio-educativas que poderiam ser adotadas:

---

---

---

---

17. O que você entende como por Portador de Altas Habilidades ou Superdotado?

---

---

---

---

18. Você percebe algum Portador de Altas Habilidades entre os reclusos no CASE? Explique o porquê.

---

---

---

---

---

## ANEXO 2

### INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO\*

Professor (a)

Sua participação no processo de identificação das habilidades de seu aluno é fundamental.

Faça uma reflexão sobre as características listadas abaixo, observe seu aluno e responda com cuidado, lembrando que suas informações são muito importantes para que sejam definidos os caminhos para aproveitamento de seus potenciais.

**NOME:** \_\_\_\_\_ **DATA DE NASC.** \_\_\_\_\_

**NOME DO PROFESSOR (A):** \_\_\_\_\_

CARACTERÍSTICAS DE APRENDIZAGEM	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
Tem vocabulário notavelmente avançado para a idade ou meio social?					
Armazena muitas informações sobre seu(s) interesse(s)?					
Tem memória destacada?					
Quer descobrir o “como” e o “porquê” das coisas fazendo perguntas provocativas?					
Elabora generalizações?					
Prefere espontaneamente leituras e jogos complexos?					
Tem facilidade para perceber partes de um todo?					

---

\* Instrumento validado e adaptado pela Equipe Técnica do NAPPAH/FADERS, a partir da SCALES FOR RATING THE BEHAVIOR CHARACTERISTICS OF SUPERIOR STUDENTS, elaborada por Joseph Renzulli, Lida Smith, Alan White, Carolyn Callahan e Robert Hartman (traduzida por Ângela Virgolim).



CARACTERÍSTICAS DE MOTIVAÇÃO	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
Apresenta envolvimento e persistência nas tarefas de interesse?					
É exigente e crítico consigo mesmo?					
Prefere trabalhar independentemente?					
Tem uma organização peculiar?					
Tem preocupação extrema com moral e justiça?					

CARACTERÍSTICAS DE CRIATIVIDADE	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
É muito curioso?					
É muito imaginativo e cria muitas idéias ou soluções para problemas complexos?					
Mostra-se preocupado em melhorar e modificar seu ambiente?					
Demonstra senso de humor ao analisar situações que não parecem humorísticas aos outros?					
Mostra-se interessado nas características estéticas?					

CARACTERÍSTICAS DE LIDERANÇA	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
É auto-suficiente?					
Organiza as atividades gerais do grupo?					
É preferido por seus pares?					
É cooperativo com os outros?					
Expressa-se muito bem e é persuasivo nos seus argumentos?					
Sobressai-se em atividades de sua área de interesse?					

CARACTERÍSTICAS ARTÍSTICAS	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
Usa a arte como forma de expressão de suas idéias e emoções?					
Varia o tema e o conteúdo dos trabalhos?					
Usa soluções não convencionais?					
É detalhista?					

CARACTERÍSTICAS MUSICAIS	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
É capaz de perceber variações de sons?					
Interpreta facilmente diferentes estilos musicais?					
Demonstra sensibilidade e interesse na música?					
Responde ao ritmo da música, com movimentos corporais?					
Procura oportunidade para ouvir e criar música?					

CARACTERÍSTICAS DRAMÁTICAS	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
Conta e cria histórias?					
Inventa peças teatrais a partir de histórias e fatos?					
Usa o corpo e a postura com facilidade?					
Identifica-se com os humores e motivações dos personagens?					
Imita com facilidade as outras pessoas?					
Evoca respostas emocionais dos ouvintes?					
Tem ótima memória?					

CARACTERÍSTICAS DE COMUNICAÇÃO	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
Expressa as idéias de forma clara e concisa?					
Usa palavras descritivas para adicionar cor, emoção e beleza ao relato?					
Transmite com facilidade informações com linguagem não-verbal, gestos, expressões faciais e corporais?					
Conta histórias com começo, meio e fim?					
Usa figuras de linguagem (trocadilhos, analogias)?					

CARACTERÍSTICAS DE PLANEJAMENTO	ALTERNATIVAS				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
Revela interesse e eficiência na organização de tarefas?					
Prevê conseqüências e efeitos de ações?					
É bom em jogos de estratégia?					
Demonstra domínio de etapas, limitações e alternativas de um projeto?					
Estabelece prioridades com facilidade?					
Apresenta independência para realizar tarefas?					
Leva em conta e prevê detalhes que contribuem para o desenvolvimento de um plano?					

Descreva, brevemente ,como percebe o aluno, fazendo referências às informações que tem de sua história escolar. Faça um relato das razões que motivaram a indicação de altas habilidades:

---



---



---



---



---



---

Como define, qualitativamente, o desempenho acadêmico deste aluno?

---

---

---

Indique em que áreas seu aluno demonstra maior interesse:

1º) \_\_\_\_\_

2º) \_\_\_\_\_

3º) \_\_\_\_\_

Outros: \_\_\_\_\_

Sua escola oferece atividades extracurriculares? Quais?

---

---

Este aluno participa destas atividades? De quais?

---

---

Como é a relação da família com a escola?

---

---

Quais são suas expectativas com relação:

Ao desenvolvimento do aluno: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## ANEXO 3

### ESTILOS DE APRENDIZAGEM

NOME: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

**INSTRUÇÕES:** Leia cada frase e decida se ela descreve uma atividade que você gostaria de fazer na escola. Para cada frase, circule o número que corresponde ao tanto que você gosta ou não gosta de cada atividade. Lembre-se, as frases não se referem ao que você faz na escola, mas ao que você GOSTARIA de fazer na escola. Não deixe de marcar sua resposta para cada frase.

	Gosto muito	Gosto	Não tenho certeza	Não gosto	Detesto
1. Ir com um grupo à biblioteca para procurar informações.	4	3	2	1	0
2. Estudar por conta própria para aprender coisas novas.	4	3	2	1	0
3. O professor faz perguntas à classe sobre a matéria que foi dada para ser estudada.	4	3	2	1	0
4. Discutir em classe um assunto sugerido pelo professor.	4	3	2	1	0
5. Outros alunos que sabem bastante um tópico apresentam suas idéias para a classe.	4	3	2	1	0
6. Trabalhar em tarefas em que as perguntas são organizadas de forma que você possa entendê-las direito.	4	3	2	1	0
7. Faz parte de uma equipe que discute eventos atuais.	4	3	2	1	0
8. Ter a ajuda de um amigo que o ajuda a aprender uma matéria difícil de entender.	4	3	2	1	0
9. Usar um jogo de tabuleiro para praticar uma de suas matérias escolares.	4	3	2	1	0
10. Trabalhar com outros alunos em um projeto, com pouca ajuda do professor.	4	3	2	1	0

\* Instrumento validado, traduzido e adaptado por Ângela Virgolim da Universidade de Brasília/Ucon. Elaborado por Joseph S. Renzulli e Linda Smith da University of Connecticut a partir do The National Research Center on the Gifted and Talented.

11. Planejar um projeto para você trabalhar sozinho.	4	3	2	1	0
12. Responder em voz alta as perguntas feitas pelo professor.	4	3	2	1	0
13. Ouvir as idéias de outros alunos durante uma discussão de classe sobre algum assunto.	4	3	2	1	0
14. Ouvir o professor dar informações novas.	4	3	2	1	0
15. Responder por escrito a perguntas sobre uma matéria que você acabou de ler.	4	3	2	1	0
16. Aprender sobre um evento tal como a Independência, dramatizando em classe.	4	3	2	1	0
17. Ter um colega lhe ensinando como fazer algo que ele ou ela fazem muito bem.	4	3	2	1	0
	<b>Gosto muito</b>	<b>Gosto</b>	<b>Não tenho certeza</b>	<b>Não gosto</b>	<b>Detesto</b>
18. Praticar vocabulário através de jogos de palavras.	4	3	2	1	0
19. Discutir material de classe com um grupo de outros alunos.	4	3	2	1	0
20. Trabalhar por conta própria para preparar um material que você vai apresentar para a classe.	4	3	2	1	0
21. Ser interrogado pelo professor para ver se você entender uma história que você leu.	4	3	2	1	0
22. Discutir um assunto porque você discorda do que outro aluno disse.	4	3	2	1	0
23. Tomar notas à medida em que o professor fala sobre a classe.	4	3	2	1	0
24. Trabalhar em tarefas onde você completa a palavra que falta para completar uma frase.	4	3	2	1	0
25. Aprender sobre o processo de eleição, representando o papel de um membro de um partido que compete com outro partido, para ganhar votos para seu candidato.	4	3	2	1	0

26. Aprender informação nova ou aprender a resolver um problema com a ajuda de outro aluno em sua classe.	4	3	2	1	0
27. Jogar um jogo que usa cartões para praticar o que você aprendeu.	4	3	2	1	0
28. Trabalhar com outros alunos em um projeto que o professor sugeriu.	4	3	2	1	0
29. Ler um livro para aprender tudo sobre algum tópico.	4	3	2	1	0
30. Participar de exercícios em sala de aula onde o professor faz perguntas específicas para cada aluno da classe.	4	3	2	1	0
31. Compartilhar suas idéias com outros alunos durante uma discussão de classe sobre algum tópico.	4	3	2	1	0
32. O professor dá instruções específicas sobre como fazer as coisas.	4	3	2	1	0
33. Ouvir um palestrante convidado falar de um assunto que você está estudando em sala de aula.	4	3	2	1	0
34. Aprender como o governo trabalha representando o papel de um funcionário que tem que lidar com uma situação de crise.	4	3	2	1	0
35. Reunir com um colega para fazer lições de casa.	4	3	2	1	0
36. Fazer parte de um time numa competição de ortografia com outro time da sala.	4	3	2	1	0
37. Trabalhar com outros alunos para fazer um projeto sobre uma matéria que você está estudando.	4	3	2	1	0
38. Estudar por conta própria um assunto que você mesmo escolheu.	4	3	2	1	0
39. O professor deixa bem claro o que é esperado da classe.	4	3	2	1	0
40. Escutar os colegas dar suas opiniões sobre um assunto.	4	3	2	1	0
41. Escutar enquanto o professor apresenta a matéria.	4	3	2	1	0
42. Fazer tarefas onde você pode descobrir depois de cada	4	3	2	1	0

pergunta se sua resposta está correta ou não.					
43. Aprender sobre profissões representando o papel de um chefe e entrevistar outros alunos que estão representando o papel de candidatos ao trabalho.	4	3	2	1	0
44. Ter um aluno da mesma série para revisar com você a matéria da prova.	4	3	2	1	0
45. Participar de uma competição para ver se seu time consegue responder corretamente maioria das perguntas sobre um tópico que você está estudando em classe.	4	3	2	1	0
46. Pesquisar na biblioteca para um trabalho que você quer escrever.	4	3	2	1	0
	<b>Gosto muito</b>	<b>Gosto</b>	<b>Não tenho certeza</b>	<b>Não gosto</b>	<b>Detesto</b>
47. Trabalhar independentemente em um projeto que você mesmo escolheu.	4	3	2	1	0
48. O professor chama os alunos individualmente para recitar coisas como tabelas de multiplicação ou os nomes dos presidentes passados.	4	3	2	1	0
49. Falar com colegas de sua classe sobre um tópico do seu interesse.	4	3	2	1	0
50. Ouvir o professor apresentar informações para a classe.	4	3	2	1	0
51. Trabalhar em tarefas que têm muitas perguntas mas que você saiba as respostas.	4	3	2	1	0
52. Ser um membro de uma equipe que discute como resolver os problemas de sala de aula.	4	3	2	1	0
53. Trabalhar no fundo da sala de aula com outro aluno que o está ajudando em seu trabalho escolar.	4	3	2	1	0
54. Trabalhar com uma equipe no preparo de uma lição para	4	3	2	1	0



ser apresentada à classe.					
55. Trabalhar por conta própria para obter informação sobre um tópico de seu interesse.	4	3	2	1	0
56. O professor chama os alunos individualmente para responder perguntas.	4	3	2	1	0
57. O professor lidera uma discussão sobre um tópico novo.	4	3	2	1	0
58. Escutar o professor apresentar vários pontos de vista sobre um assunto.	4	3	2	1	0
59. Aprender novas coisas, tendo o professor apresentando toda a informação.	4	3	2	1	0
60. Trabalhar com outros alunos para planejar e completar um projeto.	4	3	2	1	0
61. Ir para a biblioteca por sua própria iniciativa para procurar mais informações sobre um tópico.	4	3	2	1	0
62. Ter o professor testado você em voz alta para ver o que você aprender.	4	3	2	1	0
63. Ouvir os alunos discutirem suas idéias sobre um assunto.	4	3	2	1	0
64. Preparar um relatório escrito com uma equipe.	4	3	2	1	0
65. Trabalhar sozinho para preparar um relatório que você irá apresentar para a turma.	4	3	2	1	0

**ANEXO 4****FICHA DE ITENS PARA OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA**

Professor: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Indique, em cada item, os dois alunos de sua turma que, na sua opinião, apresentam as seguintes características:

1. Os melhores da turma nas áreas de linguagem, comunicação e expressão:

---

---

2. Os melhores nas áreas de matemática e ciências:

---

---

3. Os melhores nas áreas de arte e educação artística:

---

---

4. Os melhores em atividades extracurriculares:

---

---

5. Mais verbais, falantes e conversadores:

---

---

6. Mais curiosos, interessados, perguntadores:

---

---

7. Mais participantes e presentes em tudo, dentro e fora da sala de aula:

---

---

8. Mais críticos com os outros e consigo próprios:

---

---

9. De melhor memória, aprendem e fixam com facilidade:

---

---

10. Mais persistentes, compromissados, chegam ao fim do que fazem:

---

---

11. Mais independentes, iniciam o próprio trabalho e fazem sozinhos:

---

---

12. Entediados, desinteressados, mas não necessariamente atrasados:

---

---

13. Mais originais e criativos:

---

---

14. Mais sensíveis aos outros e bondosos para com os colegas:

---

---

15. Preocupados com o bem-estar dos outros:

---

---

16. Mais seguros e confiantes em si:

---

---

17. Mais ativos, perspicazes, observadores:

---

---

18. Mais capazes de pensar e tirar conclusões:

---

---

19. Mais simpáticos e queridos pelos colegas:

---

---

20. Mais solitários e ignorados:

---

---

21. Mais levados, engraçados, “arteiros”:

---

---

22. Que você considera mais inteligentes:

---

---

23. Com melhor desempenho em esportes e exercícios físicos:

---

---

24. Que sobressaem em habilidades manuais e motoras:

---

---

25. Que produzem respostas inesperadas e pertinentes:

---

---

26. Capazes de liderar e passar energia própria para animar o grupo:

---

---

Existe em sua turma alguma criança com outros talentos especiais? Quais?

Como manifesta seu talento?

Comentários e observações que desejar fazer:

---

**ANEXO 5****ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

1. Qual o seu nome e sua idade?
2. Até que série você estudou?
3. Qual a Escola?
4. O que mais gostava de fazer nesta Escola?
5. Qual a disciplina que mais gostava, ou em que mais se destacava?
6. Atualmente, qual a disciplina que mais gosta, aqui dentro?
7. O que você mais gosta de fazer na Escola do CASE?
8. Cite alguma habilidade, que você tenha.
9. O que gostaria de aprender além das disciplinas ensinadas aqui?
10. Por que você participa da Escola do CASE, já que não é obrigado por lei a isso?
11. Das atividades realizadas aqui, qual as que mais gosta de participar?
12. Qual suas perspectivas para quando sair da instituição?